

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ CASA DE OSWALDO CRUZ

Marilda Gonçalves
(Entrevista)

Ficha Técnica

Projeto de pesquisa – O tempo presente na Fiocruz: ciência e saúde no enfrentamento da pandemia de covid-19

Entrevistada: Marilda de Souza Gonçalves (MG)

Entrevistadores – Simone Petraglia Kropf (SK), Ede Conceição Bispo Cerqueira (EC) e Thiago da Costa Lopes (TL)

Data: 21/12/2020

Formato da gravação: Entrevista remota realizada via *Zoom*

Duração: 2h 43 min

Responsável pela transcrição e sumário – Danielle Cristina dos Santos Barreto

Responsável pela conferência de fidelidade – Alessandra Lima da Silva

Responsável pelo copidesque – Danielle Cristina dos Santos Barreto¹

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

GONÇALVES, Marilda de Souza. *Marilda Gonçalves. Entrevista de história oral, concedida em dezembro de 2020, ao projeto O tempo presente na Fiocruz: ciência e saúde no enfrentamento da pandemia de covid-19.* Rio de Janeiro, Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz, 2025. 33 p.

¹ No momento de aprovação da transcrição, a depoente fez pequenos ajustes no texto.

Sumário

Breve apresentação da formação acadêmica e trajetória profissional. O início da pandemia de covid-19 e a aplicação de medidas sanitárias no Instituto Gonçalo Moniz (IGM)/Fiocruz Bahia. A mobilização para a realização da testagem e organização da plataforma de diagnóstico do SARS-CoV-2. Planejamento e reorganização das atividades internas. A organização do Telecoronavírus. A Rede CoVida - Ciência, Informação e Solidariedade, sob a coordenação do Centro de Integração de Dados e Conhecimentos para Saúde (CIDACS). O sistema de distribuição do kit para diagnóstico da covid-19 e a relação entre o IGM e o Laboratório Central de Saúde Pública (LACEN). O convênio de cooperação técnico-científico entre o IGM e a Secretaria Municipal de Saúde de Salvador. Os projetos desenvolvidos em parceria com as Secretarias de governo do Estado da Bahia. A atuação do IGM junto às populações indígenas e quilombolas. A parceria com a Rede Mulher Solidária/Secretaria de Política para as Mulheres. O projeto de comunicação para doença falciforme. A aproximação com associações de moradores e as dificuldades enfrentadas pelas camadas sociais mais pobres. A interlocução com o movimento negro. A imagem que as populações vulneráveis possuem da Fiocruz. A atuação do IGM nos municípios do interior. A conciliação entre a gestão do IGM e o engajamento político. A participação do IGM no Consórcio Nordeste. A inserção do IGM no “sistema Fiocruz”. Vacinação, pesquisa científica sobre a covid-19 e a consciência social sobre o papel da ciência. As frentes de pesquisa do IGM envolvendo a covid-19. As pesquisas na área de sequenciamento genético. A plataforma de diagnóstico para covid-19. O Ciclo de Seminários Integrados sobre SARS-CoV-2 (covid-19) e o novo funcionamento das sessões científicas. O intercâmbio científico com outras instituições e grupos de pesquisa no Brasil e no exterior. A intenção de produzir um filme institucional sobre o enfrentamento da covid-19. A experiência na direção do IGM em contexto de crise sanitária. Relato pessoal dos desafios, das angústias e das superações alcançadas durante a pandemia. O protagonismo das mulheres na Fiocruz.

Data: 21/12/ 2020

SK: Bom dia. Estamos aqui, hoje, tendo o prazer de entrevistar a doutora Marilda Gonçalves, diretora do Instituto Gonçalo Moniz da Fiocruz. Eu sou Simone Kropf, pesquisadora da Casa de Oswaldo Cruz, estou aqui com Ede Cerqueira e Thiago Lopes, que também são pesquisadores do projeto *O Tempo Presente na Fiocruz: Ciéncia e Saúde no enfrentamento da Pandemia de Covid-19*. Marilda, gostaria de agradecer muito a tua disponibilidade para conversar conosco, dar seu depoimento para esse projeto. E queria começar te pedindo, antes de entrarmos propriamente no tema da pandemia, para você falar um pouquinho da sua trajetória, qual é sua formação, como você ingressou na Fiocruz. Eu sei que é difícil, às vezes, sintetizar tudo, mas só para situarmos um pouco sobre a sua trajetória acadêmica. Como você ingressou na Fiocruz?

MG: Na verdade, eu sou formada em Farmácia Bioquímica pela Universidade Federal da Bahia. Depois eu fiz também uma outra graduação, em Farmácia, opção alimentos. Eu tenho especialização em análises clínicas, mestrado e doutorado em genética, na área de genética médica e antropológica, e pós-doutorado nessa mesma área. Eu fiz o mestrado e o doutorado na Unicamp, e o doutorado sanduíche no Medical College da Geórgia, nos Estados Unidos. Eu saí quando era professora auxiliar da Universidade Federal da Bahia. Eu fiz o concurso logo após a minha graduação, fiz o concurso para professora auxiliar na Faculdade de Farmácia, onde eu me diplomei na graduação. Eu fiz a pós-graduação depois, posteriormente, tinha aquele período probatório, então, eu passei os três anos e depois eu fui para a Unicamp. Na época que fui realizar o mestrado e o doutorado, eu já era professora da Universidade Federal da Bahia, fiz também o doutorado sanduíche e depois da conclusão eu voltei para Salvador. E quando eu voltei para Salvador, eu retornoi para a faculdade de Farmácia. Foi na época que eu comecei a trabalhar com o pessoal da Fiocruz da Bahia, inicialmente como pesquisadora visitante, em 1994, no final de 1994/95, era pesquisadora visitante na Fiocruz, no Centro de Pesquisa Gonçalo Moniz, hoje denominado Instituto Gonçalo Moniz. No final de 1995, foi aberto o concurso para pesquisador. Eu fiz o concurso e iniciei a carreira de pesquisadora na Fiocruz Bahia em março de 1996. Logo após o concurso houve a minha contratação na Fiocruz, o que me levou a reduzir a minha carga horária na Universidade e manter o vínculo de pesquisadora 40 horas na Fiocruz, porque na Universidade, como é aula, dá para você organizar. Mas, mesmo assim, eu organizei um laboratório de pesquisa na Faculdade de Farmácia. Então, nós sempre trabalhamos nos dois lugares, conjuntamente; sempre foi muito bom e prazeroso estar nas duas instituições. Na Fiocruz, eu participei, e tenho participado, de várias iniciativas, é mais ou menos isso minha trajetória. Hoje, eu estou como pesquisadora titular na Fiocruz e sou professora titular na Faculdade de Farmácia da UFBA. O início da carreira foi um pouco difícil, como eu terminei a graduação e fui logo para docência, eu terminei sendo colega dos meus professores e ensinando alguns dos meus colegas. Foi um choque, porque você muda de estudante e passa a professor. Na Fiocruz, tenho participado de vários momentos importantes. Na época que eu entrei na Fiocruz, nós só tínhamos a doutora Sônia [Andrade] como mulher, como pesquisadora. A Fiocruz Bahia tem uma tradição de todos os pesquisadores, até aquele momento, serem todos médicos. Eu entrei, naquele momento, como pesquisadora, mas de uma área da saúde não médica, como bioquímica. Foi uma quebra um pouco desse paradigma institucional que já estava instalado ao longo dos anos. Então, também foi um momento um pouco delicado, um pouco difícil, mas deu tudo certo no final.

SK: A gente vai voltar a esse tema das mulheres porque também é importante abordar isso no próprio tema da pandemia. Mas é interessante [porque] tinha só a doutora Sônia Andrade e aí você chegou. Qual é a tua linha de investigação na Fiocruz, com que tipo de pesquisa que você tem trabalhado?

MG: Esse também foi um momento meio difícil para mim, porque no Centro nós trabalhamos mais com doenças infecciosas e parasitárias. A minha linha de pesquisa, eu trabalho com doenças hematológicas, a parte genética e a parte de hematologia, bioquímica, meu foco principal é doença falciforme. Eu trabalho com a área de doença falciforme, com vários aspectos da doença falciforme. E isso também foi um momento um pouco... porque eu entrei no concurso, mas eu não estava numa área que era comumente desenvolvida pelo nosso Instituto. Mas eu, hoje, tenho colaboração com as pessoas e a hematologia perpassa também as doenças infecciosas e parasitárias. Hoje, nós conseguimos realmente trabalhar, mesmo mantendo a minha linha de pesquisa com outras vertentes da hematologia, nesse casamento com [doenças] infecciosas.

SK: Você está como diretora desde quando?

MG: Eu estava como vice[-diretora] de Pesquisa [Desenvolvimento Tecnológico e Serviço de Referência] de [Manoel] Barral. Barral, no final de 2016/início de 2017, foi chamado por Nísia [Trindade Lima] para assumir a Vice-Presidência de Educação, Comunicação e Informação, e eu era a vice, substituta dele no cargo. Eu assumi interinamente a diretoria a partir de março de 2017. Quando chegou em maio de 2017, eu me candidatei e eu estou, desde então, como diretora do Instituto. Agora já vou fazer 4 anos.

SK: Está encerrando agora.

MG: Estou encerrando o mandato agora.

SK: O que significou, para você, estar como diretora do Gonçalo [Moniz], da Fiocruz Bahia, e, de repente, se ver diante desse tsunami que foi a chegada do novo coronavírus no Brasil? Como foi isso? Você lembra daquele momento, no iniciozinho do ano, dessa virada de ano – já que a gente está, agora, nessa virada de ano? Como foi? Como é a tua lembrança desses primeiros momentos da pandemia?

MG: Na verdade, foi assim como você falou, um tsunami. Porque nós começamos a entender, eu estava muito ligada nos noticiários, e comecei a me preocupar logo antes, em fevereiro. Porque nós já estávamos com as notícias em todo mundo com relação à Itália e com relação à China, que a China já tinha não sei quantas pessoas contaminadas, e com essa ideia de globalização. Então, vários pesquisadores já estavam também preocupados com a pandemia, um em especial, foi o Dr. Manoel Barral. Diante desse panorama, nós começamos a nos preocupar e reunimos o pessoal da Diretoria. Eu disse: “precisamos nos preparar”. Na verdade, eu comecei a ler as notas da Organização Mundial de Saúde, que começou a lançar inúmeros documentos, que mencionavam a necessidade de assepsia das mãos e todas as outras medidas de cuidado. Nós começamos e eu disse: “olhe, vamos cobrar”. Nós não tínhamos uma reserva de materiais, aqueles que usualmente não eram utilizados. Eu sempre utilizei o álcool em gel, por incrível que pareça, eu sempre tinha um álcool em gel em cima da minha mesa, porque você sempre fala com muitas pessoas e aperta as mãos. Eu sempre tive álcool em gel, acho que a

origem é de formação mesmo, como bioquímica. Trabalhar em laboratório, nos confere alguns hábitos, como o de estar sempre lavando as mãos; de entrar no laboratório e lavar as mãos, e ao sair, lavar também as mãos, essa preocupação de contaminação é muito grande. Durante a faculdade isso foi um elemento muito importante, essa questão da biossegurança. Então, comecei, junto com o pessoal, principalmente o pessoal da gestão: “precisamos comprar material, precisamos comprar álcool em gel, precisamos...”. E foi aquele corre-corre. [Mas] já havia essa preocupação. Logo depois do Carnaval, nós tivemos a notícia de uma pessoa que veio da Europa e que estava infectada, em Feira de Santana. Então, todo mundo ficou um pouco em alerta. E eu me lembro que nós tivemos uma sessão científica do dia da Mulher, e nessa sessão poucas pessoas estavam no auditório, nós já estávamos preocupados com o número de pessoas no espaço e com aglomerações. Nesse momento, eu conversei com Isadora Cerqueira, uma pesquisadora nossa que é infectologista, sobre como treinar o pessoal. Nós fizemos reuniões nessa época, nós já estávamos fazendo na nossa área mais aberta, e nós treinamos o pessoal da vigilância, o pessoal da limpeza e o pessoal da manutenção. Nós começamos a fazer esses treinamentos com relação à lavagem de mãos e com relação ao distanciamento. Isso realmente antecedeu até as ações institucionais no geral, nós já estávamos com essa preocupação. Isadora ajudou bastante. Nós já começamos a comprar os materiais e isso também foi um diferencial, porque logo depois começou a faltar, porque todo mundo correu atrás de álcool em gel, correu atrás de máscaras... Tínhamos também poucas máscaras, poucos *face shields*, porque a gente não trabalhava muito com isso, só em determinados experimentos, pois utilizávamos mais óculos de proteção. A interação com o pessoal da Fiocruz no Rio de Janeiro e com a Flávia Silva, que agora assumiu essa posição de compras conjuntas e de distribuição nos nossos institutos, também foi muito importante para que pudéssemos obter os equipamentos de proteção individual. Essa resposta dentro da Fiocruz foi muito rápida.

SK: Desculpe, Marilda, quantos pesquisadores? Qual é a força de trabalho do Gonçalo Moniz, no total, mais ou menos?

MG: Nós temos, no total, 125 servidores. De pesquisadores nós temos 54, tivemos umas transferências e, também, pesquisadores aposentados. Agora o número aumentou, porque nós já temos mais dois pesquisadores que estão vindo, devido ao último concurso. Entretanto, o total de pessoas que circulam no Instituto, entre estudantes de graduação, iniciação científica e contratados, temos aproximadamente umas 600 pessoas. Nós temos o total de quase 600 pessoas circulando diariamente no nosso Instituto, em turnos diferentes, porque, às vezes, o estudante não vai pela manhã, mas frequenta o turno da tarde. Então, tem sempre essa demanda de circular em vários horários. Às vezes, você não tem todos ao mesmo tempo, mas você tem essa circulação na ordem de 600 pessoas.

SK: E me diga uma coisa: para além dessas medidas de biossegurança e de proteção dos trabalhadores do Gonçalo [Moniz], como foi a mobilização das áreas de pesquisa? Por exemplo, a questão da testagem? Como você acha que os pesquisadores, os profissionais em geral, do Gonçalo Moniz, se reorganizaram para enfrentar a doença, a pandemia?

MG: Essa resposta também foi muito rápida. Inicialmente, conversamos com os pesquisadores mais novos e eles estavam dispostos a ajudar na realização da testagem. E eu me lembro que nós tivemos, inclusive, algumas reuniões presenciais com a diretoria do Lacen Bahia, e procuramos a Secretaria de Saúde do município de Salvador. Nessa época, nós ainda não tínhamos uma plataforma organizada para fazer o diagnóstico, mas

entrei em contato com o pessoal, principalmente com Rivaldo [Venâncio da Cunha], coordenador da Vigilância em Saúde e Laboratórios de Referência. “Rivaldo, nós estamos nos disponibilizando a ajudar o município na testagem, também na Sesab, na Secretaria de Saúde do Estado da Bahia”. Começou uma força-tarefa para organizar o serviço, foi super-rápido. Foi logo em março que nós tivemos essa mobilização. Começamos a testar as máquinas de PCR em tempo real e ver o material que nós precisaríamos. O Rivaldo deu todo o apoio, Marcos Krieger foi fantástico com a ajuda relacionada aos kits, o Wilson Savino nos ajudou com equipamento do Mercosul, foi uma reação em cadeia. Nós começamos pedindo esse auxílio e nós recebemos rapidamente. Tivemos um pouco de dificuldade no início, porque o Lacen recebia os kits para diagnóstico e tinha dificuldade para fazer o repasse, pela CGLAB [Coordenação Geral de Laboratórios de Saúde Pública do Ministério da Saúde]. Mas nós conversamos com o pessoal do IBMP [Instituto de Biologia Molecular do Paraná] e eles também começaram a passar kits diretamente para o IGM, o que facilitou a realização da testagem. Nós começamos a articular a realização do diagnóstico pelo RT-PCR, que é o diagnóstico para a identificação da presença do SARS-CoV-2, do coronavírus. E houve uma resposta imediata dos nossos pesquisadores, mesmo os [que], por questão de idade, estavam em trabalho remoto. Porque isso foi se organizando ao longo do tempo. Ao mesmo tempo que estávamos trabalhando, nós também estávamos nos organizando, porque foi a demanda e a urgência que nos forçou a fazer tudo ao mesmo tempo, não tínhamos tempo a perder, não havia uma sequência, uma ordem. Nós nunca desenvolvemos trabalho científico dessa maneira, então foi tudo muito corrido e tudo acontecendo ao mesmo tempo. A organização da plataforma, nós também tivemos um pouco de dificuldade com a aquisição de equipamentos e de insumos para realização dos testes, porque as empresas estavam com muita demanda. Alguns carregamentos de materiais que estavam vindo para o Brasil foram interceptados. Então, tivemos diversos momentos muito tensos, que nós realmente achamos que não fôssemos dar a resposta que nós pretendíamos, e de maneira tão imediata. Mas conseguimos, organizamos a plataforma, contamos com toda essa ajuda. O Mário Moreira também ajudou muito, o Ricardo Godoi e a Flávia Silva também, os processos na Procuradoria, a Deolinda [Vieira da Costa], nossa procuradora federal. Foi um trabalho em equipe dentro do IGM [Instituto Gonçalo Moniz] e fora do IGM. A Fiocruz conseguiu dar resposta de uma maneira muito eficiente e imediata, e isso foi providencial para que nos organizássemos. Com relação à organização interna no IGM, nós tivemos a participação de vários pesquisadores, principalmente os pesquisadores mais jovens. Cada um na sua expertise: um entende mais de bioinformática, outro entende de diagnóstico molecular. Então, houve uma congregação desses conhecimentos e nós conseguimos, realmente, em pouco tempo, usar essa plataforma de diagnóstico. Conseguimos, inclusive, informatizar, porque hoje eu posso ver no celular quantos exames entraram, até isso eles fizeram. Eles fizeram uma plataforma de informática para que pudéssemos acompanhar em tempo real a realização do diagnóstico. Foi um trabalho intenso, um trabalho muito bem realizado. Esses pesquisadores novos estão de parabéns: o Ricardo Khouri, Leonardo Vieira, Viviane Boaventura, Clarisse Gurgel, Bruno Bezerril, entre outros. Tivemos a vice-diretora de Pesquisa [Desenvolvimento Tecnológico e Serviço de Referência], Camila Indiani; a vice-diretora de Ensino, Patrícia Veras; o vice-diretor de Gestão [e Desenvolvimento Institucional], Valdeyer Reis, o pessoal do Setor de Compras, o pessoal do Núcleo de Gestão de Projetos (NEGP), coordenado por Andrezza Miranda de Souza. Então, houve uma congregação de pessoas, em que todos estávamos prontos para fazer e auxiliar. Nós tivemos também esse auxílio extra Fiocruz Bahia com todas as nossas demandas. E um ponto também bastante positivo que ocorreu foi o apoio do nosso Conselho Deliberativo. Nós passamos a ter reuniões quinzenais do nosso Conselho

Deliberativo, fizemos um grupo de WhatsApp para as demandas mais rápidas. Também fizemos o grupo dos pesquisadores para que nossas demandas fossem colocadas rapidamente, para que nós tivéssemos esse retorno, isso ajudou bastante. E fizemos, de início, o Plano de Contingência, como cada um deveria se comportar perante o coronavírus, as necessidades de segurança, de higiene. Esse Plano de Contingência, lembro-me que eu mesma escrevi todo o Plano, fui pegando todos os documentos já publicados pela Organização Mundial de Saúde, pela Organização Panamericana, e fizemos esse primeiro documento trazendo pontos importantes com relação à segurança de cada pessoa na pandemia do SARS-CoV-2, do coronavírus. Esse foi realmente um trabalho muito em equipe, todo mundo se organizou. Logo depois, Patrícia Veras organizou a questão do ensino, fazendo as enquetes com relação aos nossos alunos, quem tinha condição ou não de ter atividades didáticas online, remotamente. Nós vimos que alguns alunos tinham dificuldade de ter um computador, de ter um ambiente mais isolado para poder responder às questões didáticas. Tudo isso foi se organizando ao mesmo tempo. Foi uma pressão grande que nós tivemos para que as coisas se reorganizassem de uma maneira rápida e que pudéssemos dar essa resposta. Os nossos pesquisadores também reagiram imediatamente à pandemia, escrevendo projetos. Nós aprovamos vários projetos no Inova Covid [Programa da Fiocruz de Fomento à Inovação], tanto na geração de conhecimento como nas respostas imediatas. Foram vários projetos aprovados. Constituímos um grupo com as chefias dos nossos laboratórios, para que esse grupo também discutisse o documento estabelecendo as normas para um trabalho seguro com o SARS-CoV-2, com amostras de covid, nos laboratórios. Isso tudo foi acontecendo ao mesmo tempo. E fizemos várias comissões de assessoramento à diretoria, essas com a chefia de laboratório, para nós discutirmos o nosso Plano de Convivência com a covid, que já estava implementado. E participando também de várias reuniões do Conselho Deliberativo, no grupo de interlocutores. Então, foi uma resposta muito dinâmica e rápida. A Fiocruz realmente se reinventou dentro da pandemia.

SK: Marilda, pensando nessas várias frentes que você acabou de descrever e retomando esse ponto do diagnóstico, da testagem inicial. Como você disse, foi muita pressão e num momento com alguns obstáculos importantes, [como] a questão da falta de insumos e a própria distribuição dos kits. Como foi isso? Por exemplo, pensando o sistema Fiocruz, as diversas unidades da Fiocruz. Vocês recebiam os kits moleculares de Bio-Manguinhos [Instituto de Tecnologia em Imunobiológicos da Fiocruz] e do IBMP. É isso? Só para terminar a pergunta, veja se estou correta: vocês recebiam esses kits de Bio-Manguinhos e do IBMP e aí vocês faziam o processamento... Você quer interromper um minutinho?

MG: Eu quero interromper só um minuto. Posso?

SK: Claro, fica à vontade.

MG: É rapidinho. É que meu pai está pedindo o iogurte, porque são 10 horas. [risos].

SK: Tranquilo. [risos]. Vai lá, querida.

[interrupção]

SK: Eu estava te perguntando essa questão do fluxo dos kits e do processamento das amostras. Pelo que estou entendendo, e pelo que temos acompanhado nos relatos, vocês

recebiam esses kits moleculares de Bio-Manguinhos e do IBMP. Aí vocês processavam essas amostras no Gonçalo [Moniz]? Como era a relação com as unidades e as instituições que estavam produzindo esses kits? E o processamento das amostras? Vocês processavam as amostras aí [ou] vocês enviam os kits para o Lacen? Como era essa dinâmica? Porque, para a gente que não é da área, às vezes é difícil compreender como essas coisas acontecem, vai para quem, manda para quem. Como isso funcionava nesse momento, inclusive, de escassez? Isso é interessante também a gente recuperar.

MG: Na verdade, Rivaldo intermediou muito isso. No início, o que ficou estabelecido é que o Lacen receberia esses kits e eles repassariam uma parte dos kits para a Fiocruz, esse kit para fazer a reação de PCR. Porque nós precisávamos de material de coleta, precisávamos também do kit para extração do RNA, que não vinha nesse kit fornecido pela CGLAB. E do meio para poder fazer transporte de amostras, para manter a temperatura. Tinha toda uma logística que nós não tínhamos até então. Um aspecto também importante é que precisávamos dos EPIs [Equipamentos de Proteção Individual] – máscaras, *face shield* – para poder trabalhar com o recebimento de amostras e na manipulação das amostras. Isso nós contamos com a participação efetiva do Mário e do Rivaldo, e foi muito rápido. Esses kits, *a priori*, nós não recebemos. O Lacen, inicialmente, passou 500 kits para o IGM, mas como eles também estavam com uma demanda muito grande, não conseguiam fazer esse repasse. Foi quando nós conversamos e Rivaldo, juntamente com Marcos Krieger, pediram para que conversássemos com o pessoal do IBMP. *A priori*, o IBMP liberou os kits em um número maior para que pudéssemos fazer o diagnóstico. Depois, nós passamos para Bio-Manguinhos, porque Bio-Manguinhos já estava mais organizado. Depois, nós conseguimos fazer esses pedidos diretamente de Bio-Manguinhos. A chegada dos kits no início, essa organização, foi importante, mas foi tudo assim: “olha, não está dando certo desse jeito, vamos procurar outra maneira”. E ligava: “olha, eu preciso que isso funcione”. Nós fomos tentando, errando e acertando, não tinha nada, nenhum protocolo estabelecido. A aquisição dos EPI’s também era muito importante, porque sem segurança nós não poderíamos trabalhar. A Presidência também formou alguns grupos. Nós entramos no grupo [que] tinha a Isadora [Siqueira], pesquisadora nossa que já estava trabalhando com a população indígena. Entramos no grupo de apoio à população indígena, com a Ana Maria [de Brito], com o Valcler [Rangel Fernandes], e nós conseguimos também fazer uma campanha de produção de máscara. Nós juntamos essas pessoas e fizemos essa campanha para a população indígena. E começamos também a receber material para realização do PCR das populações indígenas, de algumas populações quilombolas, da Secretaria do município de Salvador e de municípios do estado da Bahia. Então, essa questão do kit foi assim, [se] organizando. Não estava dando certo desse jeito, aí o IBMP e Bio-Manguinhos ajudaram. Hoje, nós já estamos com esse fluxo bem estabelecido com Bio-Manguinhos e já conseguimos receber esse material, apesar de termos também repasse pelo Ministério da Saúde. Recentemente, nós tivemos um pouco de problemas com relação ao recebimento dos kits, principalmente porque o Ministério fechou um pouco o almoxarifado. Tinha alguma coisa com relação aos kits, para ver prazo de validade. Mas temos tido um processo bem contínuo. E a demanda tem sido recebida a contento, para que possamos, realmente, realizar o diagnóstico.

SK: Qual era o papel da CGLAB nesse início? Ou seja, o CGLAB era quem encaminhava os kits para os Lacens?

MG: A CGLAB é uma Coordenação de Laboratórios Públicos, e no organograma do Ministério a CGLAB já tem essa relação direta com os Lacens. Eu acho que, na verdade, existe um pouco de ciúmes com relação ao Lacen e à Fiocruz, porque eu senti muito isso. Eu senti que o Lacen ficou um pouco receoso... porque o Lacen tem essa função estratégica junto com o Ministério. E eu senti que o Lacen ficou muito preocupado de a Fiocruz assumir esse papel nesse momento de pandemia, mas tudo se organizou, pois a demanda era muito grande e precisamos romper os obstáculos juntos.

SK: O papel da testagem, é isso?

MG: O papel da testagem. Eu tive muitas conversas com a diretoria do Lacen – inclusive, Arabela Leal foi minha aluna na graduação. Na verdade, foi um momento crítico, mas que nós conseguimos ultrapassar. Nós temos ajudado muito o Lacen. Esse final de semana, o Marco Krieger me ligou: “olha, tem um carregamento que vem para o Lacen. O Lacen está fechado ou não está?”. Eu digo: “vou falar com a diretora”. A gente tem feito muito esse meio de campo, carregamento de kits. Eu acho que houve essa percepção do Lacen [de] que nós realmente queríamos ajudar e não tomar o lugar de ninguém. Porque eu acho que, como nós somos um instituto de pesquisa, nós queremos, sim, manter a plataforma de diagnóstico para questões emergenciais. Nós queremos manter isso para efeitos de buscas epidemiológicas. Eu acho que o Lacen recebe muitas amostras e ele não tem esse papel de fazer a percepção epidemiológica com relação ao que está vindo. Então, eu acho que podemos trabalhar juntos. Eu acho que é viável e eu acredito que essa percepção do início foi um mal-entendido. Hoje, nós estamos trabalhando superbem juntamente com Lacen. Inclusive, no outro dia, ela disse: “você tem kit? Eu quero emprestado”. Eu digo: “não tenho tanto quanto vocês”. Nós temos trabalhado nessa lógica de apoiar um ao outro, e isso foi feito com o tempo, na correria. Mas nós conseguimos afinar as nossas atividades e eu acho que fizemos isso muito bem. Hoje, o Lacen tem uma amostra de um paciente que quer saber e eles escrevem, perguntam. Nós damos conta do recado. Precisa de um equipamento, faltou luva? Nós apoiamos com luva. Faltou criotubos? Apoiamos. Nós temos feito esse apoio logístico ao Lacen e isso ficou bem claro na pandemia.

EC: Oi, Marilda. Sobre essa questão das parcerias para o desenvolvimento do diagnóstico, eu vi que vocês fecharam, no Gonçalo [Moniz], um convênio de cooperação técnico-científica com a Prefeitura, com a Secretaria de Saúde Municipal, desde abril. Eu queria saber como vem se desenvolvendo essa parceria, se os inquéritos sorológicos que estão acontecendo ainda estão dentro desse convênio. Como está acontecendo essa relação?

MG: Nós temos esse convênio com a Secretaria. Por incrível que pareça, o convênio já está pronto. Nós começamos a trabalhar e vai ser assinado agora, porque foi tanto corre-corre, nós não tivemos nem tempo de ajustar a assinatura. Mas o convênio tem uma abrangência maior. Ele compreende o diagnóstico, compreende também a aquisição e a distribuição de materiais de comunicação e saúde para as comunidades e para os agentes comunitários de saúde. Eu falei com o pessoal da Joaquim Venâncio [Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio] e tentamos fazer essa parceria com [eles]. E a nossa Ascom [Assessoria de Comunicação] também está com um pessoal fazendo esse material – usar máscara, distanciamento e vários outros materiais que têm sido produzidos na própria Fiocruz. Nós temos ajudado e repassado esses materiais para que os agentes comunitários de saúde tenham um embasamento, também nas Upas [Unidades de Pronto Atendimento]

e outras unidades da prefeitura. Um outro aspecto importante é o diagnóstico, que nós temos feito para a Secretaria Municipal de Saúde. Nós fizemos também, dentro desse convênio, o CIDACS [Centro de Integração de Dados e Conhecimentos para a Saúde], que é o nosso Centro de Integração de Dados em Saúde, para eles realizarem uma plataforma com relação a esses dados de prevalência da doença e acompanhar epidemiologicamente a Secretaria de Saúde do município. Tudo isso está em andamento e a prefeitura começou a fazer o teste sorológico em alguns distritos sanitários. Foi quando eles nos procuraram, porque eles estavam querendo esse apoio com relação à logística. Então, nós apoiamos um pouco essa lógica. E o que aconteceu? Nós temos um pesquisador, o Guilherme Ribeiro, [que] é epidemiologista e é professor da Universidade Federal da Bahia, ele já havia sinalizado para mim que teria interesse em trabalhar nesse projeto. E eu marquei uma reunião com o secretário de saúde. Eu já tinha participado de algumas reuniões com o prefeito, o ACM Neto, o Antônio Carlos Magalhães Neto. Tenho participado [porque] eles têm chamado a Fiocruz constantemente para participar de reuniões com a prefeitura, principalmente com relação ao plano de liberação de pessoas para o trabalho. Ele estava muito pressionado. Então, juntamente com Cidacs e outras atividades, nós temos participado. Nós marcamos essa reunião com o Guilherme, e hoje já existe toda a logística para fazer a sorologia nesses distritos. Também temos a Cláudia Ida Brodskyn, que é uma pesquisadora nossa e já foi presidente da Sociedade Brasileira de Imunologia. Ela tem participado, junto com a Deborah Bittencourt, que é uma pesquisadora do Laboratório que ela coordena, junto com o Guilherme, na realização de testes mais por ELISA, para fazer o acompanhamento do pessoal que teve o SARS-CoV-2. Eles estão fazendo a curva de quanto tempo esses anticorpos permanecem, com relação também à reinfeção. É um trabalho conjunto com a Prefeitura do município de Salvador, que tem sido bastante interessante e importante para descrever a epidemiologia da doença dentro da nossa cidade.

SK: Thiago, querido, você queria fazer uma pergunta.

TL: Na verdade, era uma questão bem pontual relacionada a esse diálogo mais difícil, no início, com o Lacen. Eu queria saber que elementos, concretamente, levaram a senhora a ter essa percepção de uma resistência ou uma reticência da parte do Lacen em relação ao papel que a Fiocruz Bahia poderia desempenhar na testagem.

MG: Na verdade, foi uma percepção, Thiago, porque alguns elementos estavam acontecendo antes da pandemia. O Lacen e o Instituto Gonçalo Moniz têm uma história muito, muito junta. Os nomes, inclusive, são iguais, porque é Laboratório Central Gonçalo Moniz e Instituto Gonçalo Moniz, os nomes são exatamente iguais. Houve uma época em que vários pesquisadores fundaram o Centro de Zoonoses, e com isso, houve uma separação que deu origem ao Instituto Gonçalo Moniz. Então, tem essa história que é muito, muito integrada. E nós estamos num terreno que é uma concessão do Estado da Bahia, e nesse terreno, logo depois tem o Lacen. Primeiro o Lacen se mudou e depois houve o Centro de Políticas em Saúde, de Diagnósticos em Saúde, que ficou conjunto. Então, nós temos o Lacen, fisicamente, e nós temos a Fiocruz Bahia, o espaço é mais ou menos o mesmo, conjunto. Antes da pandemia, eu já tinha ouvido em algumas reuniões que eu fui, inclusive com alguns secretários do Estado, que o secretário de saúde iria transferir o Lacen. Ele diminuiria a força-tarefa do Lacen porque não existiam tantas demandas com relação ao Lacen. Foi um momento em que, realmente, eu fiquei bastante preocupada. Logo depois veio a pandemia e o secretário reverte essa decisão, e o Lacen passa a ter um papel bastante importante no desenvolvimento do diagnóstico dentro da

pandemia. Então, eu considero que a nossa entrada, fazendo um aporte muito grande de diagnósticos, poderia fragilizar o retorno do Lacen e o fortalecimento do Lacen. Eu acredito que houve essa resistência inicial exatamente por isso. E, na verdade, que foi muito bom o secretário de Saúde, o Dr. Fábio Vilas-Boas, ter tido essa percepção de que o Lacen é essencial. O Lacen é um laboratório público importante para o Estado da Bahia, e, realmente, nós podemos trabalhar em conjunto. A evolução foi tão positiva que hoje o secretário fala comigo no WhatsApp, eu tenho o número do telefone dele. Quando eu preciso, eu passo; quando ele precisa de alguma coisa, ele passa mensagem, fala comigo. Então, nós evoluímos para uma interação que, inicialmente, foi difícil, e hoje nós estamos com a percepção de que estamos todos juntos na luta pela pandemia. Não foi fácil construir essa integração, mas foi um momento importante. A conversa e a ajuda foram cruciais para que hoje nós chegássemos ao ponto em que estamos. Hoje nós temos uma conexão muito boa tanto com o prefeito quanto com a prefeitura. O governador é mais isolado, mas o secretário, não. Nós temos projetos com a Secretaria de Políticas para as Mulheres, com a Secretaria de Ciência, Tecnologia e Inovação. A secretaria de Políticas das Mulheres, Julieta Palmeiras, nós temos um projeto, participamos intensamente de um projeto da Rede Solidária para as mulheres. Esse é um projeto que a Fiocruz Bahia tem participado. Eu conversei com a Presidente Nísia Trindade, entramos nessa rede para apoiar mulheres em situação de vulnerabilidade durante a pandemia. Esse projeto é com a Secretaria de Políticas das Mulheres e tem sido um projeto muito importante. Tínhamos uma reunião hoje, até por isso que eu falei com a Simone: “Simone, eu pensei que fosse na terça”. Mas essa reunião também foi transferida, então foi fácil fazer o remanejamento. E temos parceria também com a SECTI, a Secretaria de Ciência, Tecnologia e Inovação do Estado da Bahia. Com a Secretaria de Educação também, o secretário de educação é muito parceiro, o Jerônimo Rodrigues, principalmente com o projeto *Mulheres e Meninas na Ciência* que nós temos. E uma parceria bastante importante também com a Secretaria de Políticas Raciais. Então, nós temos uma integração muito grande com o Governo do Estado da Bahia, com as suas diferentes Secretarias, e essa integração foi muito boa na nossa resposta à pandemia da covid-19. Então, eu acho que essa percepção partiu disso, Thiago, respondendo mais diretamente à sua pergunta, que foi esse momento pelo qual o Lacen estava passando. Eu acho que foi importante o Lacen ter reafirmado, na sua resposta à pandemia, que é um laboratório público importante para o Estado da Bahia, e que pode trabalhar conjuntamente com a Fiocruz.

SK: Marilda, eu queria lhe perguntar sobre as ações da Fiocruz Bahia em relação às populações em situação de vulnerabilidade. Você havia mencionado a questão dos indígenas e dos quilombolas, e agora você falou da Rede Solidária para as mulheres. Vamos falar um pouquinho disso, começando pelos indígenas e quilombolas. Depois a gente passa para essa ação específica em relação às mulheres.

MG: Eu queria, antes de começar a falar, [dizer que] nós também tivemos um projeto que foi muito importante. Ele começou logo no início da pandemia, foi o telecoronavírus. O Manoel Barral, junto com a Viviane [Boaventura] e o Ricardo Khouri, eles foram muito rápidos e tudo foi muito imediato. Foi logo no início da pandemia, muito antes até do diagnóstico. Barral já estava: “Marilda, nós temos que fazer alguma coisa”. Então, eles tiveram a ideia de juntar discentes do curso de medicina da UFBA [Universidade Federal da Bahia]. Começou com alguns estudantes nossos, da UFBA, para fazer consultas online para que esses indivíduos não fossem diretamente para o sistema de saúde público, para que não houvesse uma sobrecarga do Sistema Único de Saúde. Então, houve essa resposta. O Barral e a Viviane conseguiram congregar várias universidades e faculdades

de medicina do estado da Bahia, e tivemos um apoio do governo do estado da Bahia, da Secretaria de Ciência e Tecnologia do Estado da Bahia. Eles tiveram mais de 100 mil atendimentos. Depois houve uma mudança da política, quando teve aquele decaimento de casos. Hoje, voltou o número de casos e, também, os estudantes começaram a ter aula, então houve uma descontinuidade do serviço. Mas esse serviço foi muito importante como resposta à pandemia. Logo no início, um outro aspecto que também foi bastante importante, eu gostaria de ressaltar, foi a rede CoVida. Foi, não, é. A rede CoVida é uma rede de resposta à pandemia. Essa rede é coordenada pelo Maurício Barreto, que é o nosso coordenador do Cidacs. E tem feito uma diferença muito grande nessa questão da estruturação de dados, na publicação de dados de indivíduos contaminados, na projeção da pandemia. Fora isso, em vários outros aspectos, recentemente, a Rede CoVida lançou um livro aberto sobre a pandemia. Eu até participei escrevendo um capítulo do livro sobre a covid. Então, são várias ações que têm sido realizadas dentro do nosso instituto. Eu também gostaria de enfatizar a presença dos nossos pesquisadores em várias atividades de ajuda mesmo ao território, na superação desse período que estamos passando, que é muito difícil. O Guilherme Ribeiro assumiu a Sala de Resposta à Pandemia, o COE [Centro de Operações de Emergências], da Secretaria de Saúde do município. Milena Soares também participou do COE. E tivemos a participação do Maurício Barreto no Consórcio do Nordeste, em resposta à pandemia. Os pesquisadores realmente se organizaram e participaram ativamente da plataforma. O pessoal dividiu essa atividade. Clarice [Clarissa] Gurgel, que tem uma vivência muito grande em trabalhar com PCR, assumiu o diagnóstico, assumiu as reações e o treinamento das pessoas. Vários outros pesquisadores muitos jovens, a Natália Tavares, o Leonardo [Farias], Bruno Andrade, vários pesquisadores. Foi uma reação muito importante dada pelo nosso instituto. Com isso, também, respondendo à sua pergunta, Simone, nós participamos... A população indígena tinha uma demanda muito grande na época que começou a pandemia. Só víamos o número de mortes crescentes na população indígena. Então, no CD [Conselho Deliberativo] [foi formada] essa comissão. Eu disse: “Eu quero participar porque a Isadora Siquera tem trabalhado com essa população”. Chamei Isadora e nós participamos. Conseguimos também essas doações e temos feito diagnóstico. Só para você ter uma ideia, nós conversamos e o pessoal da plataforma: “vamos tentar parar, [fazer] um recesso entre o Natal e o Ano Novo”. Não conseguimos. Houve um desespero geral porque nós estamos fazendo esse diagnóstico. E, no início, foi muito difícil essa articulação dos indígenas, nessa logística de mandar amostras, porque são vários polos em todo território da Bahia. Hoje eles já estão organizados. Parar agora seria, principalmente num momento em que a gente está tendo um aumento de casos... A situação realmente se reverteu para pior. Nós estávamos num período de calmaria, diminuímos muito o número de leitos nas UTIs. Mas, agora, está aumentando consideravelmente. Ontem nós estávamos com 80% de UTI de adultos, o número de pessoas nos leitos, em 80% com casos de covid-19. É um número bastante considerável, que nós só tivemos no início da pandemia. Então, está voltando muito o número de casos e os hospitais estão ficando realmente lotados. Com relação à Rede Solidária de mulheres o trabalho foi muito intenso, com a captação de recursos e compra de produtos, alimentos e outros itens essenciais que foram doados às famílias cujas mães tiveram que parar de trabalhar para cuidar dos filhos.

SK: Desculpe, querida, deixa só eu te interromper um minutinho antes de a gente falar das mulheres. Essa relação com as comunidades indígenas. Havia, como você falou, uma demanda. Mas como foi construída essa relação? Em algum momento vocês sentiram alguma resistência por parte de lideranças indígenas? Como é essa relação? Como foi a relação dos pesquisadores e profissionais da Fiocruz com esse universo das populações

indígenas? Você se lembra de alguma situação que tenha chamado atenção, do ponto de vista dessa interlocução?

MG: Lembro-me que, no início, nesse grupo que foi formado pela Presidência, nas discussões o pessoal falava “olhe, tem uma dificuldade porque mudaram muito essas lideranças em alguns postos da população indígena” e existe uma resistência que se delimitou com relação à Fiocruz, em si. Então, houve e foi uma coisa que foi se trabalhando aos poucos. Vários grupos também, o pessoal de Sergio [Luiz Bessa Luz], em Manaus, trabalhando com as populações indígenas. Houve outros também, acho que o pessoal do Mato Grosso do Sul e nós, na Bahia. Nós tivemos um apoio bastante importante, porque Isadora tinha aprovado um projeto com relação à sífilis entre os indígenas. Então, nós já tínhamos entrado em contato com essas lideranças indígenas, já havia uma aproximação grande com o nosso instituto através de Isadora. Então, eles solicitaram essa demanda para o nosso instituto. Eu acho que foi até mais fácil por isso, porque houve uma solicitação da demanda por eles. Recebemos documentos com relação aos postos de saúde e isso tornou mais fácil o estabelecimento. Nós tivemos mais problemas com relação ao transporte das amostras, encaminhamento de meio de transporte, a realização dos testes, porque eles tinham que coletar as amostras e mandar essas amostras para nós processarmos. Eles não tinham esse serviço de transporte organizado, mas, hoje, nós já conseguimos organizar isso. Estamos recebendo [o material] tranquilamente.

SK: Como vocês faziam isso, Marilda? Como funcionava isso? Porque realmente essa é uma questão importante. Vocês mandavam [ou] iam até as comunidades? Como era esse transporte das amostras?

MG: O transporte das amostras... Eles pegavam o material para a coleta no instituto, nós não fomos às comunidades. Isadora tinha uma integração com o pessoal que estava coordenando esses polos indígenas. O motorista deles, eles conseguiram organizar de forma que quando eles traziam as amostras, eles já levam o material para fazer novas coleta. E nós recebíamos o material, organizamos o setor de recepção de amostras no IGM. E realmente já estamos com isso organizado, mas não fomos lá fazer a coleta. Também conseguimos a doação de kits sorológicos para eles fazerem com os agentes deles, dentro das comunidades. E tivemos a campanha das máscaras e também conseguimos a doação de EPIs.

SK: E quem fazia essas doações?

MG: Essas doações foram conseguidas através da rede, com o Valcler, a Ana. Nós conseguimos a doação que a Fiocruz recebeu, várias doações. E nós conseguimos um repasse de alguns desses equipamentos de proteção para os nossos polos indígenas na Bahia.

SK: Certo. Já vamos passar para o projeto das mulheres, que é superinteressante, [mas] você falou também das populações quilombolas. Como foi a relação com esses grupos?

MG: Na verdade, um dos nossos pesquisadores, a esposa dele é professora da Universidade Federal do Recôncavo e já tinha esses contatos com alguns grupos quilombolas. Eles têm feito essa interação com esses grupos através dessa pesquisadora e do nosso pesquisador, o Ricardo Khouri. A parceria com os quilombolas está sendo

esporádica. Nós temos feito, mas não na intensidade que temos feito [com] a população indígena. Mas nós já aprovamos também um projeto em uma comunidade quilombola. Então, essa ação está se intensificando bastante.

SK: Vamos, agora, falar da Rede Solidária das mulheres. Como isso foi criado? E você mencionou esse tema das mulheres pensando na sua própria trajetória no Gonçalo [Moniz]. Como isso tem se dado?

MG: Na verdade, esse foi um convite. Eu estava bastante preocupada com essa questão da mulher. Conversando com Julieta, ela [disse:] “olha, Marilda, nós vamos fazer uma rede de solidariedade às mulheres”. Então, ela me chamou para participar da rede como Fiocruz e eu entrei nessa rede. Nós temos reuniões periódicas, fizemos uma campanha muito grande de arrecadação de insumos, arrecadação também de um kit para as mulheres. Isso contou com a Secretaria de Política das Mulheres, também com o Corpo de Bombeiros e alguns Shoppings Centers de Salvador, que colocaram essas centrais de recebimento para algumas populações especiais. E nós temos trabalhado também com o fundo das populações, com a Universidade Federal da Bahia, com várias mulheres que estão no Ministério Público, procuradoras. Temos um grupo que se reúne e a Fiocruz está nesse grupo – eu represento a Fiocruz nesse grupo. Nós temos feito essas reuniões periódicas e avaliando a maneira como nós poderemos atuar – passamos os materiais educativos da Fiocruz para constar nesses kits. A Fiocruz, junto com a nossa Ascom, produz esse material e nós passamos para essas mulheres, dentro desses kits. E a ideia é ajudar cada vez mais.

SK: Essa foi uma iniciativa da Secretaria de Políticas para as Mulheres? É isso?

MG: É isso.

SK: A Julieta Palmeira é a secretária?

MG: É a secretária. Nós estamos trabalhando juntas. Na verdade, começamos todas juntas, porque foi uma coisa inovadora, nós não sabíamos como fazer. Mas não existe uma diretoria, mas uma comissão. E, inclusive, já foi instituído até no Diário Oficial, já existe essa rede. Já é uma rede criada oficialmente pela Secretaria de Política das Mulheres, com a participação da Fiocruz.

EC: Dentro desse tema das mulheres, eu queria fazer uma pergunta sobre as orientações que foram feitas pela Fiocruz Bahia em relação ao grupo específico: são mulheres que cuidam ou que estão relacionadas, principalmente, são mães de crianças que têm doença falciforme. Eu queria saber como a pandemia impactou esse grupo, porque eu sei que a Fiocruz Bahia tem uma pesquisa muito grande nessa área. Como você viu esse impacto da pandemia na vida dessas mulheres, principalmente [as] que cuidam de alguém que tem essa doença?

MG: Na verdade, parece que houve uma conspiração. Nós tínhamos a nossa assessoria de comunicação, o Marco Antônio Brotas, ele se interessava muito pelo tema de doença falciforme e queria muito fazer algum projeto de comunicação na doença falciforme. E um pouco antes da pandemia, nós aprovamos um projeto de comunicação para doença falciforme. Esse projeto foi uma oportunidade também de nós trabalharmos com a questão

da doença falciforme e pandemia. Nós fizemos alguns vídeos que foram lançados e fizemos um site que está sendo bastante consultado durante a pandemia. Nas questões referentes à doença falciforme, o Altair [Lira], que foi coordenador, presidente da ABADFAL [Associação Baiana de Pessoas com Doença Falciforme], que é uma associação para os pacientes com doença falciforme, ele disse que esse site tem tido uma boa repercussão, inclusive, em países africanos que têm uma prevalência, uma incidência muito elevada de doença falciforme. Eu até fiz um vídeo com enfoque nas mulheres com doença falciforme, nas mães, que têm que ter um cuidado redobrado não só com ela, mas também os filhos que possuem doença falciforme. Porque a doença falciforme tem aspectos clínicos muito importantes por ser uma doença também sistêmica, que afeta a hemoglobina, que é uma proteína que está no eritrócito, que circula levando oxigênio para todo nosso organismo. Então, existem muitas comorbidades. Entre elas, nós temos a síndrome torácica aguda e pneumonia. Existem muitas doenças respiratórias que fazem parte do elenco de comorbidades da doença falciforme. Nós trabalhamos muito com pessoal da clínica, e o que temos visto é que alguns pacientes têm tido uma piora muito grande quando contraem a covid. Por isso que nós intensificamos essas ações com relação à doença falciforme, na tentativa de alertar não só as mães, mas as pessoas que convivem com a doença, para que tenham cuidados redobrados. Porque a covid tem sido uma associação muito grave, quer dizer, já é uma doença grave, a doença falciforme também, principalmente a anemia falciforme, que é a forma homozigota. É uma doença grave e essa associação [com a covid é, realmente, muito impactante para as questões de saúde nesse grupo populacional, de forma específica.

SK: Você mencionou, Marilda, a cooperação com a área de política raciais na Bahia. Fala um pouquinho desse aspecto também importante da pandemia que tem a ver com as questões raciais.

MG: Na verdade, nós começamos a discutir um pouco. Foi um pouco o pessoal que me procurou pelo 155, o Tele Coronavírus. Até o Barral recebeu uma lista de entidades agradecendo como que o Tele Coronavírus ajudou as populações em situação de vulnerabilidade. E essa interseção foi feita também por grupos que representam as comunidades. Eles me procuraram. Eu participei de várias reuniões e nós temos ajudado na integração e na distribuição de materiais que possam ajudar nesse combate, nesse enfrentamento à pandemia, que não é uma situação trivial, é uma situação bastante grave. Porque os depoimentos, principalmente nas reuniões, você realmente tem um impacto grande. Porque, primeiro, as residências possuem um número muito grande de pessoas num espaço pequeno. E o que o pessoal fala foi muito impactante na primeira reunião que eu tive. São associações de moradores que fizeram uma grande associação. Eles congregam cerca de 60 associações de bairros para discutir várias questões. E eles me convidaram e colocaram muito claramente, por exemplo, [que] não têm como fazer o isolamento social porque muitas pessoas ficam mais na rua do que dentro de casa, por causa das questões de espaço, questões de convivência. O outro aspecto, e isso é o que mais se prega entre as medidas importantes para o combate ao coronavírus, é o distanciamento social. Uma pessoa que estava na reunião colocou: “nós já vivemos distanciados socialmente, não é?!”. Isso foi uma colocação que me deixou bastante impressionada. Porque nós, quando falamos: “olhe, você tem que fazer o distanciamento social, você tem que usar máscara, você tem...”. Mas como nós poderemos alcançar essa população de forma que ela realmente se conscientize mais, que possa, de maneira efetiva, exercer esse distanciamento, o que é muito difícil? Existe uma parcela muito grande da nossa população que não pode fazer isso por questões de infraestrutura, por questões de

acesso a várias necessidades estruturais, e que, realmente, eles não possuem. Nós estamos acompanhando como essa questão de mortes diárias afeta diretamente a população que vive nessa situação de vulnerabilidade. Então, quando você fala do distanciamento social, é uma questão importantíssima, e nem todo mundo pode fazer isso. Como conviver com isso? Como diminuir a doença nessas populações? Então, houve essa aproximação e temos trabalhado em materiais de comunicação, mas eu sinto que não é o suficiente. Não é o suficiente para que você realmente faça esse enfrentamento à pandemia, porque existem questões maiores que nós não conseguimos resolver. Então, você fica um pouco impactado com relação às questões, mas você também se sente impossibilitado de avançar em várias questões que são mais estruturais e que precisam que as políticas sejam voltadas para que essa melhoria, [que] ela seja feita. Como você fala para um grupo populacional “você precisa lavar as mãos” se em alguns lugares não tem água? É essa coisa que a pandemia também trouxe muito visivelmente, essa diferença social, essa desigualdade social. Nós temos tentado atuar em várias áreas, mas, em algumas, nós realmente temos a consciência de que são, na verdade, questões muito maiores que a nossa vontade e a nossa capacidade de avançar. Realmente, precisamos atuar muito politicamente para que seja resolvido. É mais ou menos isso, você se sente um pouco impossibilitado de seguir adiante em várias questões.

SK: Esse tema do impacto social e como a pandemia explicita essa questão das desigualdades, a gente já falou aqui de vários grupos em situação de vulnerabilidade. Dessa questão e da interlocução com as lideranças desses grupos, com os indígenas, os quilombolas, você falou das associações de moradores, enfim. Vocês têm alguma interlocução com o movimento negro na Bahia ou grupos que se identificam com essa agenda? Como é essa relação?

MG: Na verdade, eu sempre tive essa relação com o grupo negro na Bahia. Eu participo da rede de mulheres negras na Bahia, então eu sempre tive essa conexão muito grande com o movimento negro. Conheço várias lideranças do movimento negro e sempre atuei um pouco – eu digo “um pouco” porque, por questões das várias atividades que desenvolvemos, não consegue ter uma militância muito grande nessa área. Também participei da criação da associação de doença falciforme, que é um pouco do movimento negro dentro da doença falciforme, por ser uma doença que tem um aspecto muito forte e uma origem na população negra. Então, isso faz com que tenhamos essa atuação bastante importante dentro desses movimentos. E o pessoal do movimento negro é bastante organizado. Recentemente, tivemos uma forte influência política durante o processo eleitoral para a prefeitura de Salvador. O movimento negro teve uma grande atuação, mas eu acho que é um processo ainda em construção. Ainda precisa, infelizmente, de muito tempo para que realmente possamos colocar muitas dessas ações em práticas. Mas o grupo da população negra é bastante atuante e eu também tenho uma participação, na medida do possível. Eu ajudo bastante com relação a esse grupo, e eu acho que com relação às mulheres negras também. Nessa Rede Solidária para as mulheres, nós vimos que as mulheres negras estão entre esse grupo que também é bastante vulnerável, é a mulher que trabalha. E os filhos, onde elas vão deixar os filhos? Muitas tiveram que deixar de trabalhar porque os filhos já não estão indo para as creches, já não estão indo para as escolas. A pandemia trouxe essa realidade econômica, essa realidade social muito dura também para todas as mulheres e, em especial, para a população negra. Porque Salvador, apesar de ser uma cidade que tem o percentual de população de negros em torno de 80%, 85%, o negro ainda vive numa situação de vulnerabilidade. E ainda não

alcança patamares que possam fazê-los ter uma vida digna. São muito poucos os que podem fazer, realmente, alguma diferença com relação à população negra.

SK: Como você acha que as lideranças desses vários grupos, que a gente está falando, veem a Fiocruz? Qual é a imagem da Fiocruz que eles têm e a expectativa em relação à Fiocruz?

MG: Eu acho que eles têm uma expectativa grande. Primeiro, porque a Fiocruz é essa instituição que está muito ligada ao Sistema Único de Saúde. Eu acho que esse é o primeiro impacto que a Fiocruz causa em todas essas populações. O que eu sinto é que eles veem na Fiocruz um porto seguro. E nós temos feito isso de uma maneira muito tranquila. Se alguém vem, se alguém quer se aproximar da Fiocruz, se alguém tem uma demanda, nós realmente temos ouvido essa demanda, temos conversado, temos tentado ajudar. Eu acho que essa aproximação também é um pouco resultado do trabalho que nós estamos desenvolvendo dentro do território, essa aproximação com as Secretarias, a aproximação também com os grupos. Eu me lembro que essa reunião com as associações de bairro também tinha o Movimento dos Sem Terra, teve várias interseções. Até entramos em contato com o pessoal que fez a cartilha da Fiocruz de Recife, com aqueles agentes comunitários que vão às comunidades. Eles estão treinando essas pessoas para situações de pandemia e nós queremos também fazer um movimento semelhante, até com relação a outras doenças, com auxílio de outros pesquisadores e dos nossos pesquisadores. Tem muitos pesquisadores que atuam na área, tem o Mitermayer Reis, a Aldina Barral, tem vários pesquisadores que atuam em área endêmica. É importante esse movimento também com relação a outras doenças e a interação dessas doenças com a covid-19. Nós temos o Edgar Marcelino também. Tem uma área endêmica em Corte de Pedra [que] tem essa interação com várias populações vulneráveis já no trabalho de pesquisa de muitos pesquisadores. Por exemplo, eu tenho uma área que eu atuo, no distrito Beiru Cabula, então eu já tenho essa interseção com a população. Mas essa reunião foi feita porque uma aluna minha já estava atuando – tinha sido minha aluna, já me conhecia, sabia que eu estava na diretoria e [me] procurou. Então, é uma coisa que vai passando e nós vamos tendo essa aproximação. Mas a Fiocruz Bahia sempre esteve muito próxima da população, principalmente com relação aos trabalhos que nós desenvolvemos. Essa aproximação sempre foi uma realidade não só durante a pandemia, mas também anteriormente, com relação aos nossos projetos de pesquisa, as atividades que nós desenvolvemos. Essa aproximação é uma realidade da nossa Fiocruz Bahia.

SK: Eu ia lhe fazer uma pergunta sobre esse tema das pesquisas sobre endemias, nas quais a Fiocruz Bahia sempre teve muita projeção e muito reconhecimento. Como é a relação, no caso da covid-19, com os municípios do interior? Porque a gente está falando de uma relação muito próxima no território de Salvador. Mas como é a penetração da Fiocruz em outras localidades do estado da Bahia, no interior da Bahia, nos sertões baianos, se a gente pudesse dizer assim?

MG: Você quer saber com relação à pandemia, Simone?

SK: Em relação à pandemia, mas [também] como isso se relaciona com ações que já vinham antes?

MG: Nós já temos várias ações, como eu citei. [Temos] o Mitermayer, temos o Ricardo Riccio, que é um pesquisador que trabalha na linha verde, e nós intensificamos muito

nossas ações durante a pandemia. Tem um município e municípios vizinhos que têm trabalhado muito conosco, que é Irecê. Nesse município nós temos feito uma vigilância epidemiológica com relação a covid, temos atuado bastante, intensamente. É um município fora de Salvador, mas é um município que temos atuado. E vários municípios vizinhos também têm encaminhado amostras para realizarmos os testes. Recentemente, também foi aprovado um projeto de pesquisa no PPSUS [Programa de Pesquisa para o SUS], a Camila Indiani é a coordenadora desse projeto. É uma atuação direta com relação a esses municípios, que tem trabalhado também conosco na covid. São várias áreas endêmicas, várias áreas que a Fiocruz Bahia tem atuação, não só no município de Salvador como em municípios fora de Salvador.

SK: Antes de fazer essa pergunta, eu queria retomar uma outra coisa que me ocorreu enquanto você falava dessa questão da atuação junto às mulheres e ao movimento negro. Como fica a Marilda pesquisadora e militante, como você mesma falou, e a Marilda diretora do Gonçalo Moniz? Como é conciliar essas dimensões da sua atuação?

MG: Essa é uma tarefa difícil, viu, é um pouco difícil. Porque o fato de estar na diretoria também limita um pouco algumas ações. Por exemplo, agora mesmo, durante a eleição para prefeitura... Inclusive, eu tenho vários colegas da época de faculdade que hoje estão deputados. Você tem que conciliar: “você tem que dar um depoimento para tal candidato”. Eu digo: “gente, a Fiocruz atua no território e ela tem que atuar de uma maneira que seja acima dessas questões”. Terminou que eu não me posicionei com relação, mas ajudei a todos. Eu participei de reuniões que me chamaram, com vários candidatos, para falar da questão da saúde e da atuação da Fiocruz. Eu tive a consciência de saber que a Fiocruz deveria atuar nesse plano territorial, mas não houve predileções. Então, para falar “olha, nós precisamos fazer uma *live* para falar das questões de saúde”, isso eu posso ir. Eu não vou fazer uma propaganda eleitoral, mas eu posso falar da nossa atuação no território. Então, é colocar isso de uma maneira que realmente eu pudesse atuar, pudesse falar com relação às questões de saúde do nosso território, mas sem um envolvimento político. Eu acho que consegui fazer isso e foi importante a participação da Fiocruz em determinados momentos, porque a nossa questão é a saúde e o Sistema Único de Saúde, e isso perpassou cada um dos candidatos. E nós convivemos com todas as diferenças, porque o nosso objetivo principal é colaborar, é estar junto nas decisões relativas à saúde do nosso território. Independentemente de partido político, eu acho que o mais importante é a Fiocruz estar atuando nessas frentes e proporcionando também elementos para que realmente essas políticas sejam estabelecidas. O Maurício Barreto atua muito nessa questão da saúde pública, na questão da bolsa família para as populações em situação de vulnerabilidade. Recentemente, eles fizeram lançamento do índice de privação, que é um índice que reflete as questões da pobreza da população e os vários problemas que enfrentam, não só no município de Salvador, no estado da Bahia, mas também nos vários estados da federação. Então, é mais ou menos isso, nós temos atuado de maneira que possamos ajudar, mas sem aquela conotação de que é um partido político, porque a Fiocruz atua nacionalmente desse modo, e internacionalmente também. Então, é importante darmos esse suporte. E quando eu falo na Fiocruz, eu não falo na Fiocruz Bahia, eu falo na Fiocruz como instituição. Se tem alguma coisa que nós não tenhamos condições de realizar como Fiocruz Bahia, pode ter certeza de que procuraremos qualquer outra unidade da Fiocruz que possa dar esse respaldo ao nosso território. Nós temos atuado desse jeito. Quando não podemos, ligamos para Rivaldo, para Mario, ligamos para Krieger e até [para] Nísia. Eu digo: “Nísia, ajude-nos...”. Eu acho que essas questões têm

sido bem resolvidas no plano institucional e com base na missão institucional, na missão Fiocruz. Eu acho que isso tem sido bastante importante.

SK: Eu ia lhe perguntar justamente sobre a relação da Fiocruz Bahia com as outras unidades da Fiocruz, mas, de alguma maneira, está relacionado também a isso. Você mencionou no início, rapidamente, [mas] eu queria que você falasse um pouco mais da inserção da Fiocruz Bahia no Consórcio Nordeste, que é essa iniciativa de governadores do Nordeste. Como tem se dado isso?

MG: Na verdade, nós temos participado com a participação do Maurício Barreto. Mauricio Barreto, por ser um epidemiologista reconhecido internacionalmente, foi chamado para participar do Consórcio do Nordeste. Ele tem participado das questões de análise com relação às decisões dentro do consórcio do Nordeste, com vários governadores também de outros estados do Nordeste. O índice, que eu lembrei, índice de privação, que foi liberado naquela feira de saúde coordenada pelo Wagner Martins, da Fiocruz Brasília.

SK: Então a participação se dá mediante a representação do Maurício Barreto no Comitê Científico?

MG: Isso. Lógico que se houver algumas demandas, nós temos atendido, com base no estabelecido pelo Consórcio. Mas a participação mesmo dentro do Consórcio, a representatividade, tem sido realizada através da participação do Maurício Barreto.

SK: Voltando àquele aspecto que você estava mencionando, da inserção da Fiocruz Bahia no sistema Fiocruz, na Fiocruz nacional. Como se dá isso? Como você vê o funcionamento desse sistema? É isso: quando eu preciso, eu ligo para o Rivaldo, para Mário. Naturalmente, tem a participação no Conselho Deliberativo da Fiocruz. Como você vê essa questão das unidades regionais dentro desse sistema? E como a pandemia impacta isso? Fortalece [ou] gera – às vezes pode gerar – alguns ruídos? Como se dá essa federação Fiocruz?

MG: Tem uma coisa que já pegou, [que é] essa denominação do sistema Fiocruz. E eu acho que foi muito importante Nísia, acho que ainda no início do seu mandato, logo que ela começou a Presidência da Fiocruz, ela colocou essa questão da Fiocruz, do sistema Fiocruz. Nós temos atuado exatamente do jeito que ela fala. Ela tem levado essa atuação da Fiocruz como um todo, das unidades como um sistema Fiocruz. Nós temos um bom relacionamento entre as unidades regionais. Nós temos o Fórum de Unidades Regionais que, apesar de não ser um elemento do nosso organograma, ele foi formulado para que houvesse discussões com os diretores das unidades regionais. Exatamente para pudéssemos realmente congregar, discutir as nossas fragilidades, e como nós poderemos apoiar uns aos outros. Então, eu acho que o Fórum das Unidades Regionais, que é coordenado pelo Gerson Penna, que foi diretor da Fiocruz de Brasília, tem facilitado muito essa integração de uma unidade com as outras, e com o CD. Nós vamos para a reunião do CD e ficamos no mesmo hotel, no café da manhã também tem essa discussão: “como está sua unidade?”; “ah, eu tenho isso”; “ah, então eu passo para você”. Nós realmente tentamos fazer essa corrente de apoio de tudo que temos feito. Então, eu acho que nós temos um relacionamento muito bom com todas as unidades, não só com as unidades regionais oficiais, mas também com os escritórios regionais. Também a participação da própria Presidência dentro do Fórum, essa discussão conjunta do que nós

precisamos. Eu acho que essa questão tem sido bastante equilibrada, não existe uma guerra de força: “olha, eu tenho mais, eu tenho menos”. Eu acho que temos trabalhado de maneira equilibrada e temos tido um apoio incondicional da Presidência. Eu acho que esse momento foi de integração, e a gestão de Nísia fez muito isso. Eu acho que esse foi um aspecto muito positivo dessa primeira gestão de Nísia. Eu espero que ela realmente vá para a segunda gestão, porque eu acho que nessa segunda gestão será a consolidação de tudo que foi introduzido nesse momento inicial da gestão dela. Eu acho que assim como o Rivaldo, [que] está mais ligado aos Laboratórios de Referência, à vigilância em saúde... e não só Rivaldo, mas o próprio CD. Nós colocamos no CD as nossas deficiências, as nossas necessidades, e nos sentimos apoiados. Então, eu tenho a tranquilidade de falar com Valcler, eu olho o Valcler e eu converso sobre as nossas necessidades. Eu também acho que é importante não só com relação às necessidades, mas também com relação à atuação como instituição. Às vezes, alguém: “olhe, eu quero alguma pessoa que vá falar sobre isso”. Há um diálogo, um discurso afinado institucionalmente, isso nós temos conseguido fazer. “Olhe, como eu...”. Valcler mesmo, eu passo o WhatsApp para ele e digo: “Valcler, eu tenho essa demanda. O que você acha? É desse jeito?”. Eu acho que esses elementos são importantíssimos dentro da Presidência. Eles têm trabalhado de uma maneira muito em rede, articulando e orientando os diretores em tudo que realmente é necessário. Porque você fica em dúvida, não é? Olhe, por exemplo, a questão da vacina: como eu vou falar da questão da vacina? Nísia tem colocado isso muito bem, mas também o próprio Marco Krieger. Ela tem colocado no CD, atualizado com relação a isso. No último CD mesmo, nós tivemos uma apresentação de Marco Krieger falando com relação ao IFA, a produção das vacinas. Foi criada uma comissão no CD que tem participação da Zélia, que está numa unidade regional da Fiocruz, a Zélia Profeta. Tudo isso tem feito com que as coisas caminhem de uma maneira dinâmica e de uma maneira integrada. Nós também temos a confiança de que não vai haver mal-entendidos, e que realmente estamos falando de uma maneira institucional. Eu acho que cada um desses... eu falo os elementos. São os vice-presidentes, a presidente, as coordenações. Nós temos a Coordenação de Integração Regional, com o [Wilson] Savino, temos o Rivaldo Venâncio, na Coordenação de Vigilância em Saúde e Serviços de Referência, o próprio Valcler Rangel, no Gabinete da Presidência, o Valber [da Silva Frutuoso]. Nessas ações, eles atuam de uma maneira muito sistêmica e muito integrada com todos os diretores e todas as unidades, não só as de fora do Rio, mas também com as do Rio de Janeiro.

SK: Como é essa Comissão de Integração Regional que você mencionou, coordenada pelo Savino? O que é?

MG: Não, o Savino é um coordenador de Integração Regional. Ele participa das reuniões do FUR [Fórum das Unidades Regionais] e faz essa interlocução entre as diferentes unidades da Fiocruz.

SK: Ah, tá. Então está relacionado ao Fórum das Unidades Regionais.

MG: É, mais ou menos isso.

SK: A relação com a Fiocruz Pernambuco é mais estreita em relação à cooperação com outras unidades pelo fato de serem unidades no Nordeste ou não necessariamente? Ou isso não é uma particularidade?

MG: Não. Nós temos um bom relacionamento com o Sinval [Pinto Magalhães], atual diretor da Fiocruz Pernambuco. Eu acho que pelo fato de nós estarmos mais próximos, nós nos comunicamos muito também. Ele: “olhe, Marilda, como você faz isso?”. Nós temos esse diálogo bem intenso. Mas tenho também muito com a Zélia Profeta. Zélia é uma companheira muito presente, então nós temos um diálogo muito bom e uma tira dúvida da outra. Eu considero importante esse comportamento de parceria, com todos os diretores. Nós conseguimos trabalhar muito essa unidade. Do mesmo jeito que eu falo com o Sinval, com a Zélia, eu posso falar com qualquer um dos diretores e perguntar assuntos que eu tenha dúvida, se algum deles pode me ajudar. Esse relacionamento é muito intenso, e nos dá segurança, é uma receptividade muito grande com relação aos diretores. É mais ou menos assim, todo mundo está na mesma situação e um apoia o outro. Nós temos tido esse respaldo que eu tenho considerado bastante proveitoso e importante.

SK: Você mencionou a questão da vacina. A gente está, no momento, com muito barulho em torno da vacina, muitas expectativas. Uma coisa muito intensa em relação a esse cenário não só global, mas, particularmente no Brasil, [com] questões políticas envolvidas no debate sobre a vacina. Eu estava me lembrando de uma fala de Sinval exatamente nessa linha de: “olha, a gente precisa saber como responder porque as pessoas perguntam o que é a vacina da Fiocruz, como vai fazer isso, como vai fazer aquilo”. Como você, como dirigente, se vê nesse momento, diante de tanta expectativa, de tanta pressão da sociedade? Inclusive, por informação, a gente fica muito confuso quando lê os jornais, porque é uma profusão, uma enxurrada de informações. Você lida com isso no seu cotidiano, as pessoas toda hora perguntando: “e aí, e a vacina da Fiocruz?”. Como lidar com essa conjuntura?

MG: Na verdade, tenho lidado com essa situação que é inteiramente nova, essa curiosidade científica, e não só dos nossos servidores, porque as demandas partem internamente e externamente. Durante o final de semana, uma servidora escreveu para mim que tinha muita dúvida entre as metodologias utilizadas [para as] diferentes vacinas. “Qual a vacina que... Se eu vou tomar a vacina, se a vacina... o que eu acho, se eu tenho...”. Tem gente que escreve “eu só vou tomar a vacina se você tomar, depois que você tomar”, alguma coisa assim. Existe e você tem que ter a tranquilidade de se colocar acertadamente para as pessoas, principalmente, nesse momento em que você vê um movimento antivacina crescente. Você vê autoridades que colocam claramente que a vacina não é necessária ou que existem efeitos colaterais danosos. E existe uma disparidade também de conhecimento. Nós temos visto isso acompanhando pacientes que já tiveram a covid-19, que a produção de anticorpos nem sempre é efetiva nas pessoas, depende muito de cada uma dessas pessoas e o tipo de anticorpo também. Esse anticorpo é neutralizante se ele tem a capacidade de neutralizar o vírus, o anticorpo que é formado, e que realmente existe um decaimento desses anticorpos. Então essa pessoa pode se reinfestar. Hoje já é comprovado cientificamente que uma pessoa que teve a covid-19 pode se reinfestar. Então, são várias notícias. A produção científica é muito densa também, porque é a construção de um conhecimento em andamento. Hoje você tem uma experiência, amanhã você tem outra diferente. Existe muito desconhecimento sobre a doença. Então, você tem que ter muito cuidado quando passa informação com relação a tratamento, com relação a determinados medicamentos, com relação à reinfecção, com relação à vacina, com relação as mutações no vírus. Você tem que estar acompanhando a literatura que está mudando muito rapidamente. Eu sempre estou lendo, fazendo buscas nas principais fontes, como a Organização Mundial da Saúde, a Organização Panamericana da Saúde, a própria Rede CoVida, entre outras. Essas consultas sempre foram realizadas com o

objetivo de me manter atualizada sobre o tema e ter essa segurança que, infelizmente, não é uma segurança científica, pois tivemos muitas notícias inverídicas, baseadas em notícias não científicas e de cunho duvidoso. Por que tudo tem mudado tanto? Às vezes, você olha e alguém te fala: “ué, saiu o artigo tal”. E você: “ah, esse eu não vi”. Então, você tem que refazer a sua estruturação do conhecimento. É uma coisa que está sendo muito dinâmica. Esse conhecimento não é como... Eu mesmo tenho, com relação a doença falciforme, que é um tema que eu trabalho e que tem mais de cem anos que foi descrita, hoje nós temos uma construção de conhecimento sobre uma doença que é inteiramente nova. Muitos conceitos que foram mantidos durante todos esses anos estão sendo mudados. A ciência tem essa característica de ser muito dinâmica, e na covid-19 tem sido uma loucura. Então, você tem que estar atenta a vários detalhes e ao acompanhamento da literatura científica, mas também da literatura política. Também o dia a dia, porque os jornais, as pesquisas de opinião... É muito complicado, não é? E eu acho que essa coisa da ciência, de muitas pessoas estarem fazendo considerações e não estarem levando em consideração a ciência termina causando muita confusão e desinformação. Esse é um momento também muito preocupante porque a ciência tem que estar atenta a esses movimentos de desconstrução e de construção do conhecimento. A ciência tem procurado, ativamente, dar respostas importantes com relação à pandemia e ela tem que ser ouvida. Até nós mudamos muito durante a pandemia. Você vê, você assiste a um jornal e você vê o cientista falando para a população, você vê a população falando de vacinas, falando do vírus, falando de reinfecção, falando de medicamentos. Mas eu acho que essa linha tênue do que pode e do que não pode ser respaldado pela ciência. Ela tem que ser ouvida e tem que ser levada em consideração seriamente.

SK: Como é que...

MG: Pode falar.

SK: Conclua, pode concluir.

MG: E nós temos que aproveitar para falar que é um momento difícil. É um momento no qual a ciência está tendo uma redução drástica no seu financiamento. E é um momento no qual a população está se conscientizando que sem ciência o mundo não sobrevive, porque essa é uma questão mundial. Nós estamos vendo que o mundo inteiro está sofrendo, e quem está, na verdade, liderando e dando respostas é a ciência.

SK: A Fiocruz tem participado e tem sido protagonista, inclusive, na produção de conhecimentos, de pesquisas em relação ao coronavírus, à doença, enfim. Vocês têm participado de algum ensaio clínico, no caso, para vacinas ou para própria questão de terapêuticas e medicamentos? Como é a inserção do Gonçalo [Moniz] nessas frentes de pesquisas clínicas e pesquisas sobre o vírus? Você mencionou o edital Inova. Se você pudesse falar um pouquinho da produção do IGM nessa área de pesquisa de produção de conhecimento, nas várias áreas.

MG: Nós temos, Simone, várias frentes com relação à pesquisa. Esse tem sido um momento bastante difícil porque, por um lado, nós temos que manter o distanciamento social, nós temos que manter a segurança das pessoas, mas nós temos que também atuar na pesquisa. Por exemplo: o laboratório tem que funcionar, mas demarcamos a área do laboratório e delimitamos o número de pessoas que podem trabalhar com segurança. Muitos laboratórios estão desenvolvendo pesquisas e ações em covid-19. Isso tem sido

um aspecto bastante importante, o de manter a questão da segurança, mas também não recuar cientificamente em um momento histórico. Nós temos, com relação à pesquisa clínica, um hospital, que é o Hospital Couto Maia, que trabalha com doenças infecciosas. Ele tem trabalhado junto conosco em vários aspectos; temos também participado do projeto Solidariedade, com [o] INI. Inclusive, a diretora do Couto Maia fez residência junto com a Valdiléa [Veloso], então tem a sua intercessão dentro do estudo clínico. Com relação às vacinas, nós temos atuação específicas de pesquisadores, não é o IGM que está integrando a rede como unidade. Nós temos pesquisadores participando de iniciativas com relação à vacina, temos o Edson Moreira junto com as obras sociais Irmã Dulce e com o governo do Estado. Ele tem atuado no estudo de fase 3 para a investigação da vacina da Pfizer, que tem tido um resultado importante. Inclusive, os Estados Unidos já iniciaram a vacinação com a vacina da Pfizer. Nós temos também o Bruno Solano, que é um pesquisador nosso, que tem uma colaboração com o Hospital São Rafael e com a Rede D'Or, que está agora gerindo o estudo de fase 3 da vacina da AstraZeneca. Então, tem essas inserções particulares, mas essas inserções são mais por parte dos pesquisadores, mais do que o instituto trabalhando diretamente na produção de vacinas. Mas lógico que nós estamos apoiando tudo que eles precisarem nessas questões. Com relação ao edital Inova, nós aprovamos projetos com o edital de Geração do Conhecimento Covid [Edital Geração de Conhecimento – Enfrentamento da Pandemia e Pós-Pandemia Covid-19 – Encomendas Estratégicas] e editais de resposta rápida à covid. Foram 8 projetos de pesquisa aprovados nesses dois editais Inova para Covid. Também aprovamos a aquisição de equipamentos no edital Inova, aprovamos projetos no Inova Gestão. Nós tivemos vários projetos que foram aprovados, fora outros editais com relação à covid. Edital da nossa FAP, a FAPESB [Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado da Bahia], alguns pesquisadores ganharam projetos covid, e no CNPq. Então, existem várias demandas de pesquisas que estão em andamento. O pesquisador Manoel Barral tem um projeto também com relação a vários hemocentros para identificação de indivíduos positivos doadores de sangue. Existem várias inserções do IGM com relação à pesquisa e com várias pesquisas em andamento – esse inquérito mesmo, sorológico, que tem sido realizado junto com a Prefeitura de Salvador, que está em andamento. São várias frentes de atuação no IGM e nós temos tido essa participação bastante ativa em atividades de pesquisa com relação à covid-19.

SK: Uma das frentes que, desde o início, foi muito importante no âmbito da pesquisa, claro que associada também ao diagnóstico e a todas as frentes de atuação no enfrentamento da pandemia, foi a questão do sequenciamento do vírus, do estudo sobre o vírus. A gente agora está sob o impacto dessa notícia que está circulando, a mutação do vírus na Inglaterra, no Reino Unido. Vocês tiveram ou têm linhas de atuação nessa área de genética do SARS-CoV-2, de sequenciamento do vírus? Como é isso?

MG: Na verdade, nós estamos fazendo [um] biobanco com as amostras que nós estamos obtendo, e já começamos algumas iniciativas com relação a isso. Mas a participação, em particular, não foi no nosso instituto, mas [da] Jaqueline Góes, que é uma pós-doc da USP, [e que] foi treinada no sequenciamento, nessa logística, no nosso instituto. Ela foi orientada pelo Luiz Carlos Alcântara, um pesquisador que era do nosso Instituto e agora está no IOC [Instituto Oswaldo Cruz]. Na verdade, ela recebeu esse treinamento e desenvolveu o primeiro sequenciamento de um indivíduo que foi contaminado, que estava infectado no Brasil, e terminou ganhando o prêmio Capes da área 2 de medicina com relação ao trabalho que ela desenvolveu na rede Zika. E agora também tem sido bastante premiada com relação ao trabalho de sequenciamento que ela desenvolveu durante a

pandemia, no sequenciamento dessa primeira amostra de indivíduo infectado pelo SARS-CoV-2. Agora nós estamos, progressivamente, tentando adequar também a nossa plataforma de sequenciamento para a realização [simultânea do sequenciamento] dessas cepas, principalmente – algumas estão associadas à reinfecção. Nesse ponto é o Ricardo Khouri, o Leonardo Paiva, Pablo Ramos e a Clarice [Clarissa] Gurgel, que são os pesquisadores que estão mais envolvidos, e eu acredito que tenhamos um desenvolvimento muito grande nessa área. Nós já temos uma plataforma de sequenciamento de DNA. Esse desenvolvimento não [é] só para o SARS-CoV-2, mas deixará um legado para as futuras questões de saúde pública que possam vir a ocorrer. Um aspecto também importante é que nós temos um laboratório de nível de segurança 3. Esse laboratório foi totalmente reestruturado nessa gestão da Coordenação de Vigilância em Saúde e Laboratórios de Referência, a gestão do Rivaldo Venâncio. Nossa laboratório, agora, está passando por um período de certificação. O pessoal da plataforma ficou um pouco em alguns espaços do NB3 [Laboratório de nível de Biossegurança 3], mas eles já estão sendo deslocados. Nós vamos realmente ter essa atuação com o nosso laboratório NB3 trabalhando a pleno vapor. E com a agregação dessa plataforma de diagnóstico da covid também [para] pesquisa [da] covid e o [seu] sequenciamento – com certeza está sendo incluído.

SK: Essa plataforma que você está falando é uma Unidade de Apoio ao Diagnóstico, aquela plataforma automatizada?

MG: Essa Unidade de Diagnóstico, quando nós tivemos o início da pandemia e que começamos a atuar nessa questão do diagnóstico do SARS-CoV-2, nós colocamos essa discussão no CD da unidade. Naquele momento, nós vislumbramos que seria uma questão não só para aquele aspecto da pandemia, mas para darmos respostas a questões importantes de saúde pública. Nós colocamos e aprovamos no nosso Conselho Deliberativo a realização dessa plataforma. É uma plataforma de diagnóstico que, no momento, está totalmente voltada para o diagnóstico do SARS-CoV-2, mas temos certeza de que incluiremos também a vigilância molecular para outros patógenos.

EC: É sobre a questão da produção de pesquisas e divulgação científica. Eu sei que vocês fizeram, desde do mês de junho – inclusive, com a participação da Jaqueline Góes, eu acho que no primeiro Seminário –, um Ciclo de Seminários Integrados para falar sobre a produção da pesquisa e sobre várias questões, desde a parte de genoma, aspectos epidemiológicos, outros aspectos mais de impacto social. Eu queria que você falasse um pouco como foi a experiência desse Ciclo de Seminários, o público-alvo e os resultados que vocês alcançaram, se existe uma demanda para que esses seminários continuem. Como você vê essa questão?

MG: Esses Seminários constituíram-se em um produto da nossa Vice-Diretoria de Ensino. Eles precisavam de uma disciplina optativa para formação dos alunos, então surgiu essa ideia de fazer esses Seminários Integrados, cujo tema foi o SARS-CoV-2 e a Covid-19. [falha na conexão].

SK: Eu acho que travou aqui para mim um pouquinho. Oi, Marilda, acho que você congelou um pouquinho.

MG: Congelei?

SK: É, [mas] agora voltou.

MG: Esse seminário, na verdade, foi idealizado pela nossa Vice-diretora de Ensino, a Patrícia Veras. Ela que liderou a organização desse Seminário, junto com a Cláudia Ida Brodskyn e com vários outros pesquisadores e coordenadores dos cursos de pós-graduação. Várias pessoas participaram, a Deborah Bitencourt, que é a coordenadora do curso de Biotecnologia em Saúde e Medicina Investigativa, a Valéria [Borges], que é a coordenadora do curso de pós-graduação em Patologia Humana Experimental. Somente reforçando, esses dois cursos têm avaliação 6 da Capes, esses dois cursos nossos de pós-graduação. E nós temos, agora, recentemente, 8 pesquisadores nossos [que] estão na lista dos 100 pesquisadores que mais influenciam a pesquisa no mundo. Então, o nosso Instituto tem essa história de estar participando ativamente das pesquisas. Mas com relação ao que *você* perguntou, esses Seminários foram muito bem-sucedidos, eu diria que foi um sucesso. Nós tivemos a participação dos alunos como inscritos na disciplina. E o que o pessoal do ensino fez? Eles fizeram a disciplina em um momento em que os alunos tinham uma interação com o palestrante. Em um segundo momento, esses seminários eram abertos ao público, no geral. E houve uma participação muito ativa de várias pessoas externas, de outras unidades, de outros locais, e até fora do país, nestes seminários. Esse Seminário, na verdade, a disciplina acabou, mas, com certeza, teremos outras ações. Um outro aspecto que foi importante, nós temos a nossa sessão científica que ocorre sempre às sextas-feiras, às 9 horas da manhã. E nós começamos a fazer as nossas sessões remotamente, porque nós vimos que era importante manter essas ações. Então, nós mantivemos as nossas sessões, que também têm sido bastante procuradas por vários pesquisadores da Fiocruz e fora da Fiocruz. E com o trabalho remoto, nós tivemos a oportunidade de ter a participação de vários pesquisadores de fora do Brasil, participações internacionais, e isso tem feito uma diferença muito grande. As nossas sessões, geralmente, têm mais de 100 pessoas assistindo. Isso tem sido também um verdadeiro sucesso.

SK: Como funciona, Marilda? Vocês discutem trabalhos, apresentam trabalhos? Superinteressante essa iniciativa!

MG: Na sessão da covid, houve a discussão de trabalhos. Eu mesma participei de uma rodada. Você escolhe trabalhos que estão sendo divulgados sobre a covid e discute com os alunos. E os alunos apresentam também, eles recebem antecipadamente e fazem o seminário. Existe uma discussão em grupo, dos professores junto com os alunos que estão apresentando, e dos alunos que estão participando. Foi muito interessante. Na sessão científica, você, geralmente, tem uma exposição sobre um determinado tema. Nós tivemos muitas exposições relacionadas à covid-19. A sessão tem duração, geralmente, de 1 hora, mas o palestrante tem em torno de 30 a 40 minutos para fazer a apresentação. Depois temos um debate, são perguntas e discussões com vários pesquisadores, e discentes, com relação ao tema que foi abordado.

SK: Então é aberto, quer dizer, participam dessas sessões os pesquisadores, mas também os estudantes?

MG: Os estudantes e a comunidade em geral.

SK: Ah, você falou que [é] aberto a pesquisadores de fora da Fiocruz.

MG: Isso. Porque tem muitos temas de interesse, inclusive dos outros servidores que não são pesquisadores. São servidores técnicos-administrativos e que têm também curiosidade sobre os temas.

SK: Aliás, essa é uma questão interessante. Mas, antes, eu queria te perguntar, já que você está falando dessas sessões, do compartilhamento e discussão de trabalhos, como são as colaborações do IGM? Assim, com a universidade ou com outras instituições de pesquisa, com grupos de pesquisa no Brasil e fora do Brasil. [Como é] essa rede de colaboração em torno da covid-19?

MG: Nós temos várias colaborações, principalmente realizadas pelo Maurício Barreto, que foi o idealizador da Rede CoVida. [Ele] tem várias colaborações, inclusive com o pessoal da London School. Ele tem bastante colaborações, mas isso tem se acentuado muito mais na pandemia. O IGM, na verdade, já tem uma rede de colaboração internacional muito grande, e isso se intensificou com a covid. Essa interação, discussão e a análise de amostras, estabeleceu essa rede cresceu durante a pandemia. Eu tenho colaboração com o pessoal de Campinas, da Unicamp, tenho na Filadélfia, e tem o pessoal da África, que quer participar. Nós faremos um seminário Brasil-África. Eu já tenho essa colaboração com a África porque nós fizemos um projeto de pós-graduação com anemia falciforme, para virem estudantes africanos ao Brasil para desenvolverem mestrado e doutorado nessa área. Foi um projeto que teve a participação de várias instituições, a Unicamp, a Universidade Federal da Bahia, a Unifesp. Nós tivemos esse projeto e temos também [uma] colaboração muito grande com a Nigéria e o Benin. Então, essa rede internacional se intensificou bastante. O Mitermayer também tem uma colaboração muito sólida com o Albert Ko, que está nos Estados Unidos, então tem bastante atuação. E, internamente, nós temos várias colaborações, o Guilherme com o Júlio Croda, que têm várias discussões internas também com relação à covid.

SK: Interessante essa colaboração com a África. Você falou que vai haver um seminário, um congresso. É isso?

MG: Na verdade, esse vai ser o 4º seminário. Nós já fizemos três versões anteriores desse seminário com a África. No Benin, eles falam francês, e na Nigéria, o idioma é o inglês. Esses estudantes vieram e desenvolveram suas dissertações de mestrado e teses de doutorado. Os que fizeram mestrado, já fizeram também o doutorado, foi um projeto que nós aplicamos no CNPq. O CNPq aprovou e foi um projeto bastante interessante. Com relação ao fortalecimento desse vínculo, dessas colaborações com os países africanos, a ideia seria fazer agora, mas no final do ano, mas estamos analisando, pois foram muitas demandas. Nós também tivemos a eleição presidencial, e eu fiquei bastante mobilizada com relação à eleição presidencial. Então, provavelmente, esse seminário nós faremos agora, no início de 2021.

SK: Mas será um seminário específico para covid ou não? Ou em relação a outros temas que vocês já vinham trabalhando em conjunto?

MG: Na verdade, esse seminário com a África nós queremos envolver outros temas, e covid também, até para saber como está essa questão do enfrentamento da covid. Mas eu tenho pensado muito em um seminário mais direcionado para covid, até para a discutirmos um pouco as ações que nós realizamos, colocar os nossos pesquisadores para apresentar o que foi realmente realizado esse momento, o que foi conseguido pelo IGM.

Recentemente, tivemos a liberação de filmes com relação a covid. Eu estou vendo com a nossas contas mesmo para fazer esses filmes, para retratar esse momento que nós estamos vivendo. Porque é importante nós deixarmos isso para as gerações futuras, [para] que elas saibam como foi o enfrentamento do nosso instituto dentro dessa situação de pandemia. Porque se alguém me falasse que eu iria estar na diretoria do IGM e enfrentaria uma pandemia, eu não acreditaria. [risos]. Eu digo: “gente, isso não está no meu pensamento”. Teve um momento em que eu disse: “meu Deus, eu estou aqui, numa pandemia, eu sou a diretora do Instituto. Então, eu tenho que seguir em frente”. Essa é uma questão bastante importante, porque são muitos, muitos, muitos problemas e eles vão acontecendo, e você precisa manter a calma. Eu estou olhando o celular e tem trocentas mil mensagens.

SK: A gente já está acabando.

MG: Não é para acabar, não, é só para você ver o exemplo. Eu estou lidando com as duas coisas ao mesmo tempo. Eu não estou conseguindo responder porque algumas questões eu vou ter que lidar pessoalmente. Mas você tem que manter a tranquilidade. Eu acho que nesse ponto sempre consegui ser uma pessoa tranquila. Eu acho que esse foi um ponto positivo nesse enfrentamento da pandemia, porque tem um momento que várias pessoas pensam diferente, e você tem que ouvir a todos e encontrar o equilíbrio. Então, eu acho que também foi um momento em que eu me testei [risos] como gestora, como pesquisadora. Mas também como ser humano, tendo a capacidade de entender que é um momento difícil não só institucionalmente, mas para cada um dos nossos servidores, para cada um dos nossos colaboradores. E termos a tranquilidade de saber equacionar cada um desses problemas. Esse é um momento difícil, mas o pânico não pode fazer parte da nossa vida e nem das nossas decisões. Porque cada decisão que a tomamos tem uma repercussão muito grande. “Ah, a pessoa não está usando máscara”. Aí temos que intensificar: “só pode vir de máscara”, “não pode deixar de usar máscara”, “não pode...”. São várias questões e eu devo confessar: não só o momento foi difícil, mas nós convivemos com uma questão que foi muito visível dentro do nosso instituto, que é a unidade. Todo mundo se uniu, todo mundo ajudou. Eu falei o nome de várias pessoas, mas eu tenho certeza de que várias pessoas eu deixei de citar. Por isso que eu gostaria de falar dessa unidade e do instituto como todo, todos os servidores, todos os pesquisadores, todos os colaboradores, a equipe da limpeza, os nossos vigilantes, a equipe da manutenção, toda a nossa gestão, toda a nossa equipe de ensino, toda a nossa equipe de pesquisa. Todo mundo trabalhando para que, realmente, nós conseguíssemos chegar ao patamar que nós estamos hoje. Nós começamos a pandemia e não tínhamos EPIs, hoje nós temos EPIs. Hoje nós temos a nossa plataforma de diagnóstico, que é um fato importante, porque nós começamos a fazer a nossa vigilância interna. Nós participamos dos inquéritos sorológicos da Cogep [Coordenação-Geral de Gestão de Pessoas da Fiocruz], mas nós também fazemos, semanalmente, os exames de todas as pessoas que estão indo presencialmente e que querem ser testadas. Nós temos uma adesão muito grande e mandamos essa lista para os chefes dos setores, para eles saberem que aquela pessoa foi testada. E, com isso, nós conseguimos rastrear os indivíduos positivos assintomáticos e conseguimos fazer o isolamento, conseguimos ver os contactantes. Estamos com essa vigilância epidemiológica ativa dentro do instituto para que nós possamos prosseguir com nossas ações institucionais, e com as nossas ações de pesquisa dentro desse contexto que é tão inusitado, da pandemia da covid-19. Houve uma reestruturação com relação ao trabalho remoto, uma reestruturação do ensino remoto, uma reestruturação com relação à conscientização das pessoas e do cuidado com o outro. Eu acho que nós, na verdade, estamos saindo dessa pandemia – ainda não estamos saindo, mas tenho certeza de que

sairemos – mais fortalecidos como instituição de ensino, de pesquisa, de inovação e desenvolvimento tecnológico. E, o mais importante, respeitando uns aos outros e respeitando as nossas deficiências, sabendo que nem todo mundo tem uma capacidade de passar por essa pandemia sem ter um apoio. Nós temos procurado fazer isso como diretoria, como gestão – quando eu falo como diretoria, eu não falo só por mim, eu falo de todos os nossos vice-diretores, coordenadores, chefes de seção. Tivemos uma figura importantíssima, Maria Júlia [Alves de Souza], que é a nossa chefe do SGT, do Serviço de Gestão do Trabalho. Maria Júlia participou ativamente de todas as etapas de implantação desse diagnóstico para os nossos trabalhadores. E tivemos também o apoio da Asfoc [Associação dos Servidores da Fiocruz], Asfoc regional e Asfoc nacional. Nós colocamos umas tendas, e a pessoa pode ir se ela tiver com algum sintoma da covid. Ela pode, inclusive, fazer a coleta dentro do carro, não precisa sair. E essas tendas funcionam muito bem. A Cogepe nos ajudou com a contratação de uma auxiliar de enfermagem, que faz a coleta dos swabs dos servidores que estão transitando. A Maria Júlia e a Ariadne da Luz, que é uma colaboradora nossa, também tem dado esse apoio, identificando. Esse pessoal faz os testes, mas eles são anônimos. Eles têm um número, nós não trabalhamos com o nome das pessoas. [São] anônimos mesmo, porque o pessoal que trabalha na própria plataforma é testado também, constantemente. Depois, nós vamos fazer essa associação com o resultado, e aqueles que forem positivos são imediatamente contatados. E temos também o apoio do pessoal da Cogepe, no Rio de Janeiro, para que eles sejam orientados quanto à maneira de proceder institucionalmente, e nas suas casas, protegendo os seus entes queridos, seus parentes, familiares e amigos. Então, eu acho que realmente foi uma atividade que congregou nossa unidade institucional, a qual eu agradeço imensamente. Porque, sozinha, com certeza eu não poderia ter saído do lugar, nem ter feito metade do que nós fizemos. O apoio é fundamental nessa hora, não é?!

SK: Eu acho que já podemos caminhar para o encerramento, são 12h10. Eu quero te liberar até porque eu imagino a quantidade de mensagens que esteja chegando para você. [risos].

MG: Eu estou aqui só olhando! [risos]

SK: Eu queria encerrar, não sei se Ede e se Thiago querem fazer ainda alguma pergunta. Mas eu não posso deixar de trazer essa questão que você mesma trouxe, que eu acho que é muito importante, que é a questão pessoal, a questão do indivíduo. Você falou do desafio que é estar à frente da IGM, da Fiocruz, nesse momento tão desafiador. Você falou que é uma pessoa tranquila, e a gente percebe que você realmente tem uma serenidade, uma tranquilidade. Mas se você pudesse falar para gente [quais] momentos ou um momento especial em que você tenha ficado com medo, com angústia. Qual foi o momento em que você pensou “meu Deus do céu!”, que te deu aflição ao longo desses 10 meses? O que você destacaria, um momento que te chamou atenção e que você se sentiu particularmente desafiada nessa situação, pessoalmente mesmo?

MG: Eu acho que foi o momento inicial mesmo. No momento inicial, eu fiquei um pouco paralisada, eu não tinha noção de como proceder nessa situação de pandemia. E, logo depois, começou essa coisa: “a gente precisa de álcool, precisa ...”. Então eu vi que, na verdade, muito do que nós fizemos... foi importante eu ter passado esse momento de medo, porque o medo inicial foi muito grande e eu fiquei muito paralisada. Eu digo: “gente, o que vou fazer?”. Eu nunca tinha passado por uma situação de pandemia, eu não tinha noção do que fazer. Mas eu acho que foi importante. Porque eu acho que a resposta,

eu ter saído desse estado, foi importante até para poder incentivar os nossos vice-diretores e toda nossa comunidade. Então, eu acho que o momento inicial foi o que mais me deixou apreensiva. Mas minha apreensão foi muito com relação ao fato de podermos realmente estar juntos e dar esta resposta. Eu fiquei com muito medo de não estar mais à altura do problema que nós temos. Então, eu acho [que] foi uma coisa gradual. Combinamos que hoje nós temos aula, hoje nós temos as nossas sessões. Mas isso foi gradual, isso não aconteceu... Porque até termos realmente a certeza de que nós poderíamos trabalhar de uma outra maneira, foi um convencimento também. Porque depois de me convencer, eu tive que convencer as pessoas de que tudo isso era possível. Esse foi o momento mais difícil, você convencer as outras pessoas de que nós poderíamos avançar mesmo nessa situação de pandemia. Nós fazemos todo ano a assembleia de final de ano. E nessa assembleia de final de ano, nós fizemos uma reflexão e mostramos os dados que nós obtivemos com relação ao ano, ao desenvolvimento do ano. E, para minha surpresa, eu fiquei bastante impressionada com os dados que nós obtivemos e com trabalho que nós realizamos durante a pandemia, com a atuação de todo mundo, da nossa assessoria de comunicação, foi uma mobilização grande. E a nossa produção científica também, os nossos indicadores e a nossa execução orçamentária. Então foi um ano que, apesar de nós estarmos nesse momento tão singular da pandemia, foi bastante rico dentro do nosso instituto. Nós conseguimos superar o medo inicial e realmente partir para a luta. E estamos na luta, porque a luta está longe de acabar. Porque, agora, com os números aumentando no estado, aumentando em todo o Brasil e no mundo, nós temos ainda muito o que fazer. Nós não temos muita certeza do que virá no futuro, em especial com essas mutações novas do vírus, essa questão da discussão do Plano Nacional de Imunização. São várias questões que ainda são extremamente importantes para que nós tenhamos a tranquilidade de dizer, em algum momento, que nós vencemos a covid-19. Ainda falta um pouco. Eu sinto que esse momento tem me angustiado um pouco, o de nós não sabermos de como será o futuro. Nós ligamos a televisão e são tantas notícias tristes [que] nós vamos ficando um pouco angustiados. Mas não perdi a esperança. [É] um momento de resiliência, mas também esperançoso, de que realmente esse momento passe. A Fiocruz também, como [um] todo, deu uma resposta bastante importante nas questões da covid-19. Nossa presidente, Nísia Trindade, todos os vice-presidentes e todo o corpo de pesquisadores, servidores, eu acho que não somente o IGM, que é uma partícula pequena da instituição Fiocruz. Eu acho que nós fomos levados também por essa motivação nacional da Fiocruz. E se não houvesse esse respaldo também, não teríamos evoluído, [não] estaríamos nesse ponto, aqui, fazendo esta entrevista, falando desse momento que realmente eu considero histórico. E apesar de todas as dificuldades, eu realmente me sinto privilegiada de estar na direção do nosso instituto. E de estar, na verdade, participando e fazendo com que seja viável, que todos os nossos servidores e colaboradores possam enfrentar de forma digna e segura esse momento da pandemia da covid-19. Eu acho que é mais ou menos isso. É complicado. É um momento difícil, difícil de verdade.

SK: Bom, Marilda, eu acho que a gente pode encerrar. Eu acho que as suas palavras finais, agora, resumem bem esse espírito que todos estamos vivendo na instituição, que é a consciência dos desafios e das dificuldades. Mas, ao mesmo tempo, a preservação da esperança sempre, da confiança de que a gente vai seguir adiante, vai dar as respostas necessárias. Eu não sei se você quer complementar com mais alguma coisa, mas, se não, a gente pode encerrar. A gente tem esse projeto e, como você disse, é um processo em andamento. A gente, talvez, até volte a te procurar daqui algum tempo, para complementar as entrevistas, porque a gente sabe que muita coisa ainda vai ser feita. Mas é muito importante a gente deixar registrada a história desse processo, o andamento desse

processo. Eu queria te agradecer muito e queria terminar fazendo menção a algo que você disse no início da nossa conversa. Você mencionou que quando chegou à Fiocruz, no IGM havia só a doutora Sônia Andrade e você foi a segunda mulher, pesquisadora, a ingressar no instituto. É muito interessante se a gente pensar no protagonismo das mulheres nesse momento institucional que a gente está vivendo. Nossa presidente, Nísia Trindade Lima, que acabou de ser reeleita pela comunidade Fiocruz, agora, no mês de novembro. Tem outras, [como a] Zélia Profeta, Marilda Siqueira, a Valdiléa Veloso, outras mulheres que estão exercendo outros cargos de gestão e em outras funções. E não só, [tem] tantas outras pesquisadores jovens nos laboratórios, que estão... e outras pesquisadoras, mulheres também, servidoras – na verdade, trabalhadoras. Se formos pensar na força de trabalho da Fiocruz, hoje, ela é predominantemente feminina. Então, queria terminar deixando esse registro porque é importante para todas nós, não é, Ede, e temos aqui o nosso Thiago. Mas, enfim, é importante a gente realmente valorizar a participação e a atuação feminina! [risos da Marilda].

TL: É importante para todo mundo, com certeza!

SK: Com certeza, porque é um dado. Eu sei que outro dia você deu depoimento para o nosso projeto Mulheres na Fiocruz. É muito importante a gente ressaltar a atuação das mulheres nesse momento tão desafiador da instituição.

MG: As mulheres têm uma característica muito conciliadora. Eu acho que não só as mulheres estão envolvidas, mas também é uma coisa equilibrada. Eu vejo esse espírito feminino tomar conta também do masculino, e isso é bom. Então, esse trabalho equilibrado, esse conjunto, eu acho que tem feito a diferença. Eu acho que os homens também estão se conscientizando de que não é uma tomada de poder, mas é o início de uma nova era. E que possamos trabalhar conjuntamente e sem sermos inferiorizadas, porque eu considero isso muito importante. A mulher tem uma força muito grande e precisa, realmente, estar nesse lugar de destaque junto com os homens. Mas elas têm que mostrar que realmente são capazes. Se você me perguntar se foi mais difícil assumir a diretoria do IGM ou enfrentar a pandemia, eu vou te dizer que foi assumir a diretoria do IGM como mulher, e como mulher negra. Porque eu senti, naquele momento, que várias pessoas não acreditavam que essa diretoria fosse dar certo. Eu acho que aquele momento, se eu for comparar, foi mais difícil do que o momento da pandemia. Mas eu acredito que tenha sido um momento importante, o de assumir a diretoria. Isso faz com que outras mulheres tenham a consciência de que elas podem estar na diretoria e que podem fazer diferente. Também foi a razão pela qual eu aceitei esse desafio, [mas] eu não sabia que o desafio seria tão grande. Se tivesse um livrinho para ver o futuro, talvez eu tivesse pensado um pouco se aceitaria ou não. Mas as coisas acontecem e nós temos que lidar com as situações à medida que elas vão acontecendo. E são várias mulheres muito fortes que nós temos no instituto, e eu tenho certeza de que ele está em boas mãos. E as mulheres têm aprovado muitos projetos, trabalhado muito na covid. Tem sido realmente muito importante essa participação.

SK: Foi ótimo você ter feito essa menção agora, Marilda, porque na entrevista com a Zélia, diretora do Instituto René Rachou, da Fiocruz Minas, ela trouxe também essa questão muito importante, que é o desafio para as mulheres negras assumirem esses postos de gestão e liderança. Acho que é muito importante a gente também deixar registrado porque essa é uma conquista importantíssima para Fiocruz, para instituição e para a sociedade brasileira, de modo geral – Zélia também enfatizou esse aspecto. Então,

acho importante também você ter trazido esse registro para a nossa conversa. É isso, querida, queria agradecer muito o seu depoimento. É uma grande satisfação te ouvir e saber desse trabalho fabuloso que a Fiocruz Bahia vem desenvolvendo, e [que] vai continuar desenvolvendo ao longo do ano que vem. Hoje é dia 21 de dezembro – esqueci de falar no início – e estamos às vésperas do Natal. É muito bom encerrar o ano te ouvindo, eu acho que reforça também as nossas boas energias, as nossas perspectivas para o ano novo, que vai ser o ano seguinte a um ano bastante desafiador. Não sei se vocês viram a *live* do Caetano, em que ele desejou feliz 2001 para todo mundo. Foi agora, no final de semana, ontem. No final, foi muito engraçado, porque ele encerrou o show – aliás, foi sexta-feira, não foi ontem – desejando um feliz 2001 para todo mundo, e que 2001 pudesse ser melhor que 2000. Foi genial, fabuloso, [risos da Marilda], porque, realmente, a vontade que a gente tem é de voltar para 2001.

MG: [Risos]... Voltar, porque a situação...

SK: Não é? É isso. Queria encerrar a entrevista te desejando um excelente 2001. [risos].

MG: [Risos]. Se pudéssemos voltar no tempo... Mas é isso, é um aprendizado.

SK: A gente pensa em 2001, mas tem que desejar um feliz 2021...

MG: ... 2021

SK: Para todos nós. Que a gente possa encontrar...

MG: Mas eu tenho certeza também. Um Feliz Natal e um Feliz Ano Novo para vocês, para Thiago, para Ede, para você, Simone. E agradecer a oportunidade de estar nessa manhã falando com vocês. Para mim, também foi muito prazeroso estar falando, porque o dia a dia faz com que a gente nem pense. Nós estamos focados em determinadas coisas e não faz, realmente, a reflexão desses momentos. Na semana passada, eu também conversei com a Aline, foi muito bom, falando da minha trajetória. Estou fechando o ano e eu não queria deixar nada pendente para 2021 – estamos fechando agora também com essa conversa com vocês. Estou à disposição. O que vocês precisarem, vocês podem contar comigo, viu?! E dizer que é isso mesmo, os desafios aparecem e nós temos que enfrentar, que seguir em frente, tentar ultrapassar esses obstáculos que a vida mesmo faz, não é? Mas eu tenho certeza de que a humanidade está saindo diferente dessa pandemia. Foram várias reflexões e eu tenho certeza de que, provavelmente, nós teremos um 2021 em que as pessoas olharão mais para o próximo. Pensarão mais que, realmente, a gente tem que fazer a diferença e aconchegar, ter mais solidariedade. Eu acho que mudou um pouco os nossos corações.

SK: Tomara. É isso!

MG: Espero! De algumas pessoas, não. Essas pessoas, com certeza, não mudarão. Mas eu acho que muitas pessoas mudaram.

SK: Mas a gente tem que pensar nas que mudaram. Eu acho que isso é importante, é olhar para isso.

MG: Eu acho que ainda tem jeito. O que não tem jeito nós deixaremos passar.

SK: É isso. Tá bom, querida, muito obrigada!

MG: Um beijo para vocês. Foi um prazer!